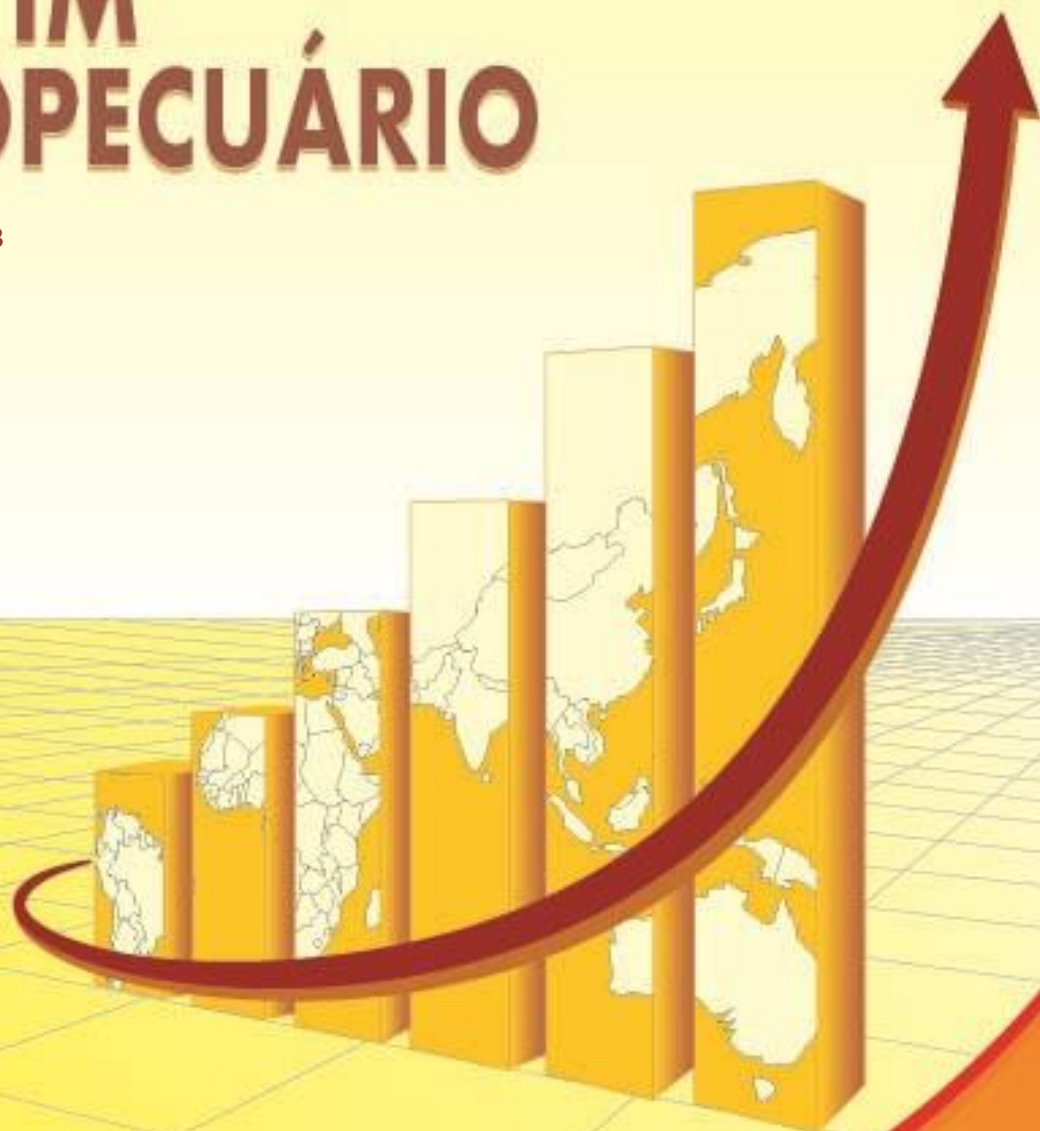


BOLETIM AGROPECUÁRIO

Dezembro/2016 – Nº 43





Governador do Estado
João Raimundo Colombo

Vice-Governador do Estado
Eduardo Pinho Moreira

Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca
Moacir Sopelsa

Presidente da Epagri
Luiz Ademir Hessmann

Diretores

Ivan Luiz Zilli Bacic
Desenvolvimento Institucional

Jorge Luiz Malburg
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda
Extensão Rural

Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)
Reney Dorow



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Glaucia de Almeida Padrão
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2016

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5000
Site: www.epagri.sc.gov.br
E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078
Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>
E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação

Glaucia de Almeida Padrão – Epagri/Cepa

Elaboração

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa
Glaucia de Almeida Padrão – Epagri/Cepa
João Rogério Alves – Epagri/Cepa
Jurandi Teodoro Gugel
Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa
Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa
Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

Colaboração:

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)
Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa
Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)
Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)
Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)
Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa
Marcia Mondardo – Epagri/Cepa
Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC
Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)
Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa
Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)
Wilian Ricce – Epagri/Ciram

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Apresentação

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne, em um único documento, as informações conjunturais dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina. Anteriormente, a publicação era editada por produto.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende transformar-se em uma ferramenta capaz de auxiliar o produtor rural a vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Luiz Ademir Hessmann
Presidente da Epagri

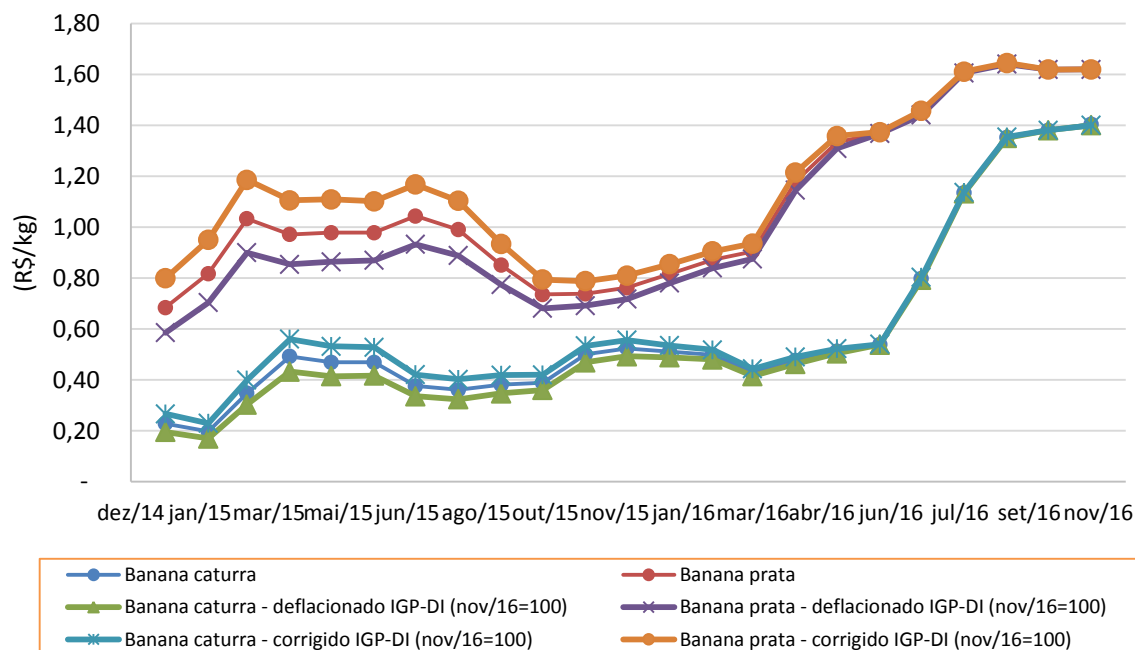
Sumário

Fruticultura.....	7
Banana	7
Arroz	10
Feijão	12
Milho.....	15
Soja	19
Trigo.....	22
Hortaliça.....	26
Alho.....	26
Cebola	28
Avicultura	30
Bovinocultura	34
Suinocultura	37
Leite	41

Fruticultura

Banana

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br



Nota: preços deflacionados e corrigidos (IGP-DI/FGV - nov/16=100).

Fonte: Epagri/Cepa.

Banana – Evolução do preço mensal ao produtor em Santa Catarina – 2015 a 2016

A cotação do preço mensal deflacionado da banana-caturra segue tendência de recuperação com aumento de 1,4% entre outubro e novembro. No período, a baixa temperatura manteve retraída a produção nos bananais. A cotação está valorizada em 76% entre julho e novembro e em 186% entre janeiro e novembro. No acumulado de 12 meses a valorização dos preços chega a 198%, já descontada a inflação do período. A expectativa é que entre janeiro e fevereiro as cotações devam diminuir com o aumento da produção.

Os preços mensais da banana-prata seguem valorizados com manutenção dos valores entre outubro e novembro, após diminuição de 1,32% entre setembro e outubro. A cotação está valorizada em 12% entre julho e novembro e em 107% entre janeiro e novembro. No acumulado de 12 meses a valorização dos preços chega a 134%, já desconsiderando o efeito inflacionário. Na lavoura é esperado o aumento da produção no final de dezembro e início de janeiro de 2017.

Banana – Preço médio ao produtor (R\$/kg) nas principais praças de Santa Catarina – 2016

Praça	Mês		Variação (%)
	Outubro	Novembro	
Jaraguá do Sul*			
Caturra	1,34	1,63	1,4
Prata	1,06	1,05	-0,7
Sul Catarinense			
Caturra	1,38	1,40	1,7
Prata	1,62	1,62	0,0

Nota: Valores em R\$/cx 20 a 22 Kg transformados em R\$/kg

Fonte: Epagri/Cepa e adaptado de Conaban*

Na Praça de Jaraguá do Sul no período analisado, o preço médio ao produtor para a banana-caturra segue valorizado. Já a cotação da banana-prata apresenta retração com frutas de menor calibre. No Litoral Norte de SC a baixa oferta da caturra eleva os preços e a alternância entre precipitação e ensolção tende a aumentar o desenvolvimento dos cachos e a qualidade da banana na região, com manutenção dos preços.

Banana – Preço médio no atacado (R\$/kg) nas principais praças de Santa Catarina – 2016

Praça	Mês		Variação (%)
	Outubro	Novembro	
Florianópolis (Ceasa)			
Caturra	2,98	2,72	-8,8
Prata	1,93	1,93	0,0
Jaraguá do Sul ⁽¹⁾			
Caturra	2,04	1,94	-4,8
Prata	1,72	1,72	0,0
Sul Catarinense			
Caturra	2,11	2,12	0,8
Prata	2,37	2,37	0,0

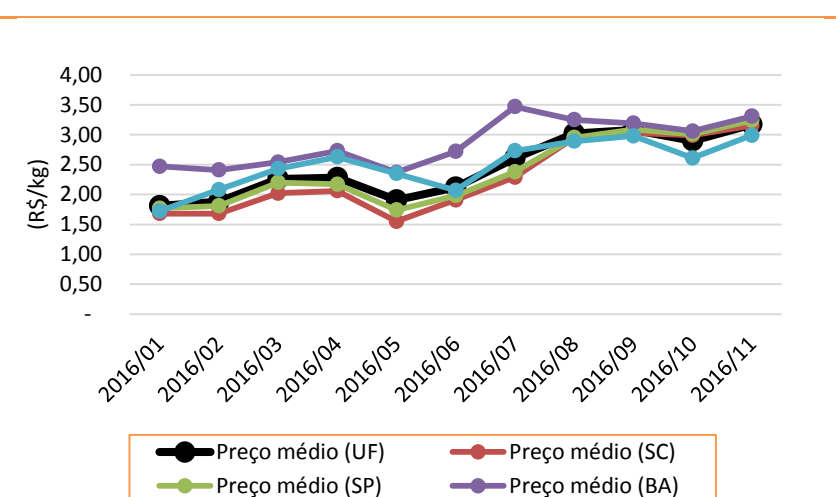
Nota: Valores em R\$/cx 18 a 20 Kg transformados em R\$/kg

Fonte: Epagri/Cepa e adaptado de Conaban⁽¹⁾

No Sul Catarinense, o preço da banana-caturra segue tendência de valorização com aumento no calibre das frutas. Apesar da presença de precipitações e fortes ventos na região as lavouras não foram afetadas e o aumento da umidade tende a melhorar a qualidade da fruta.

No atacado, o preço para a banana-caturra comercializada na Ceasa (SC) apresentou diminuição com aumento da oferta relativa da variedade e maior procura pela banana-prata. A expectativa é de melhoria na qualidade e aumento da oferta, o que pressiona os preços já valorizados da fruta na

central de abastecimento.



Fonte: Epagri/Cepa/Epagri e Ceagesp.

Banana – Preço médio mensal na Ceagesp – Total das UFs e principais Estados – 2016

No entreposto paulista a oferta da banana catarinense segue retraída com valorização nas cotações. Entre janeiro e novembro de 2016, o volume catarinense representou 6,1% do total, com 3,6 mil toneladas gerando mais de R\$8,2 milhões. A quantidade negociada da fruta paulista representou 51,4%, enquanto a mineira participou com 24,5% do total no período. Em novembro de 2016, a participação catarinense representou 5,9% do volume total negociado, ou seja, cerca de 351 toneladas gerando mais de R\$1,1 milhão no mês.

Banana – Preço médio ao produtor (R\$/ kg)¹ nas principais praças do Brasil – 2016

Praça	Mês		Variação (%)
	Outubro	Novembro	
Bom Jesus da Lapa			
Nanica	2,12	2,25	6,1
Prata	1,10	1,78	61,7
Norte de Minas Gerais			
Nanica	2,40	2,43	1,0
Prata	1,30	1,90	46,2
Vale do Ribeira			
Nanica	2,37	2,41	1,8
Prata	1,26	1,57	24,9
Vale São Francisco			
Nanica	...	...	...
Prata	0,70	1,08	55,8

⁽¹⁾ Preço médio mensal em R\$/kg.

Fonte: Epagri/Cepa adaptado de Cepea/Esalq/USP.

No Norte de Minas as cotações da banana-prata (anã), com melhor qualidade no mercado, atraem compradores e, com oferta reduzida, os preços tendem a valorizar ainda mais. Nas regiões baiana e mineira as precipitações e o aumento das temperaturas contribuem para o desenvolvimento das frutas e abastecimento de reservatórios utilizados para irrigação. No Vale do Ribeira, a baixa qualidade da banana-nanica incentiva à procura pela a banana-prata com melhor qualidade nas regiões produtoras.

Banana – Santa Catarina – Comparativo da safra 2016 em relação à safra 2015 e estimativa da safra 2017

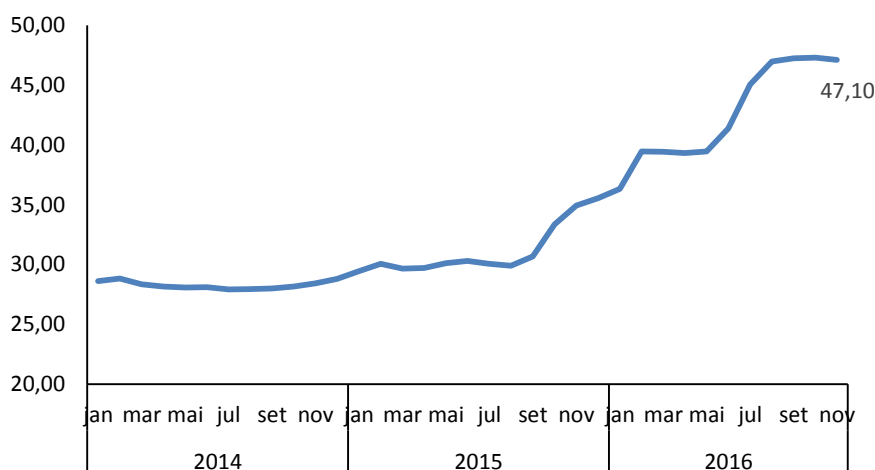
Santa Catarina - Principais MRG com cultivo de Banana	Safra anterior – 2015/16			Estimativa inicial – 2016/17			Estimativa atual – 2016/17			Var. estimativa atual / safra anterior (%)		
	Área Plant. (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant. (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant. (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg/ha)	Área Plant.	Quant. Prod.	Rend. Médio
Blumenau	4.254	159.806	37.566	4.253	159.819	37.581	4.253	159.819	37.581	0,00	0,00	0,00
Itajaí	3.925	122.900	31.312	3.924	122.844	31.306	3.924	122.844	31.306	0,00	0,00	0,00
Joinville	12.714	354.311	27.868	12.719	354.239	27.859	12.715	354.238	27.859	0,00	0,00	0,00
Araranguá	5.094	51.315	10.074	5.095	51.329	10.080	5.092	51.329	10.080	0,00	0,00	0,00
Criciúma	1.379	23.649	17.146	1.380	23.643	17.139	1.380	23.643	17.139	0,00	0,00	0,00
Tubarão	73	695	9.521	73	694	9.507	73	694	9.507	0,00	0,00	0,00
Outras	1.048	22.647	21.610	1.037	22.554	21.744	1.037	22.554	21.744	-0,01	0,00	0,01
Total	28.487	735.323	25.813	28.481	735.122	25.811	28.474	735.121	25.817	0,00	0,00	0,00

Fonte: GCEA/LSPA/IBGE e Epagri/Cepa.

Grãos

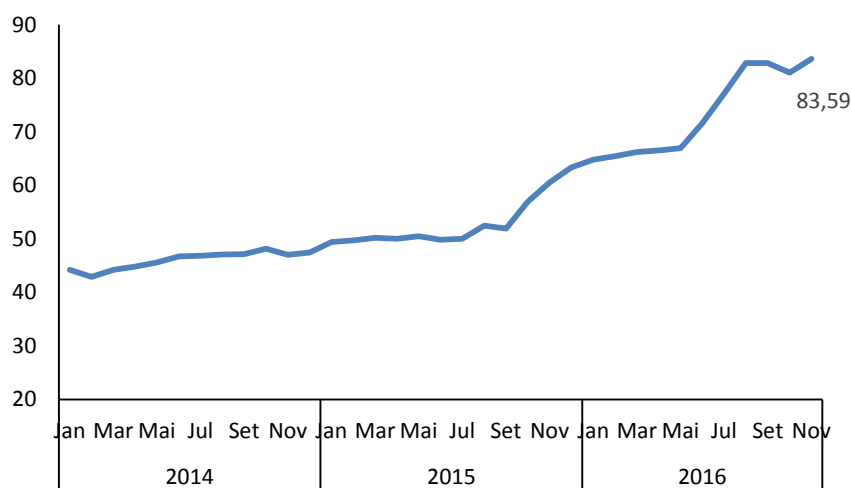
Arroz

Gláucia de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz irrigado – Evolução do preço médio mensal real – Santa Catarina (Jan./2014 a Nov./2016) – R\$/sc 50kg

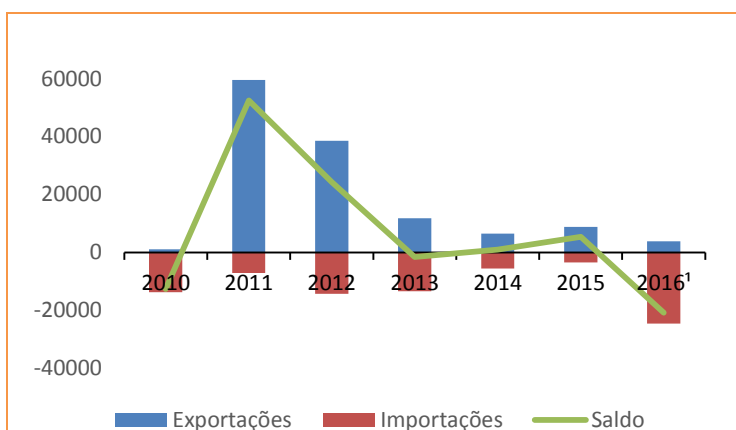


Fonte: Epagri/Cepa.

Arroz beneficiado – Evolução do preço médio mensal real – Santa Catarina (Jan./2010 a Nov./2016) – R\$/fardo 30kg

Os preços médios ao produtor em Santa Catarina continuaram em alta no mês de outubro de 2016, fechando em R\$47,10, mas já com tendência de queda para os próximos meses. Boa parte dessa alta é explicada pela sazonalidade dos preços, uma vez que este é um período de plantio no estado e a oferta do grão é reduzida. O comportamento dos preços que seguiu comportamento atípico na última safra, devem retornar à normalidade na safra 2016/17. Os preços ao produtor em alta vêm trazendo dificuldades de repasse do arroz beneficiado, que em novembro fechou a R\$83,59, para atacadistas e varejistas, reduzindo a demanda das indústrias de beneficiamento por arroz em casca, e este é um fator que pode exercer pressão baixista nos preços do grão no estado. Apesar disso, os preços no Rio Grande do Sul iniciaram dezembro em alta, contrariando o comportamento observado no mês de novembro, o que pode influenciar os preços no estado de Santa Catarina, uma vez que o Rio Grande do

Sul responde por 70% da produção nacional.



Fonte: Secex/MDIC.

Nota: ¹ Total acumulado de janeiro a novembro de 2016.

Arroz em casca – Evolução das exportações, importações e saldo anuais de Santa Catarina – em toneladas

mercado atrativo pela queda do dólar. Quanto às exportações, a escassez de oferta também foi o principal motivo para sua pouca expressividade, bem como o aquecimento do mercado interno. Esse fator somado resultou em um saldo da balança comercial negativo.

Arroz Irrigado – Acompanhamento da safra 2015/16 – Santa Catarina

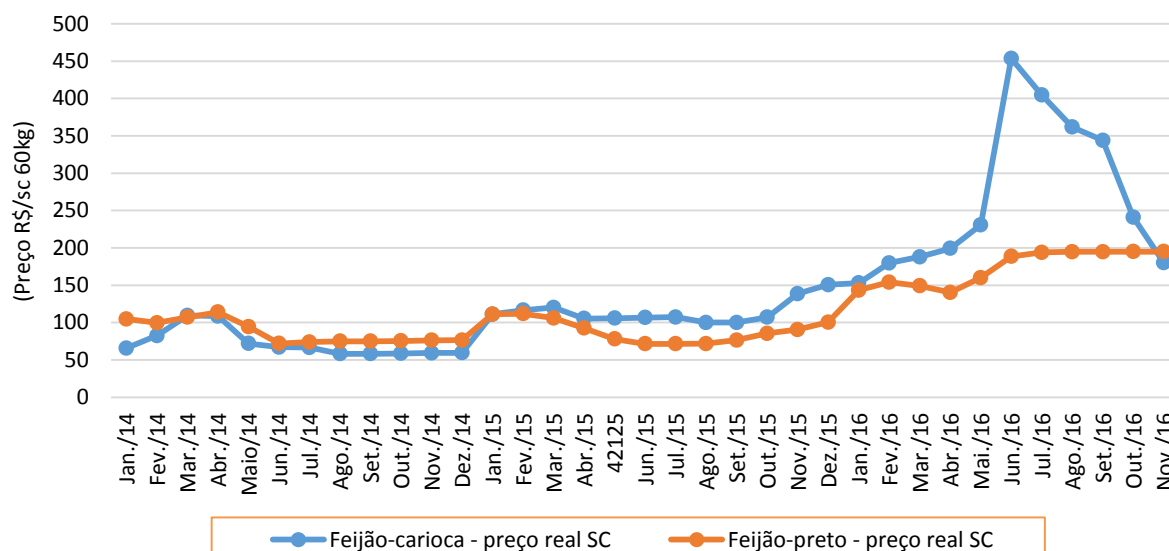
Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 (estimativa atual)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. Médio
Araranguá	51.454	364.913	7.092	51.730	368.995	7.133	0,54	1,12	0,58
Blumenau	8.208	65.441	7.973	8.379	67.138	8.013	2,08	2,59	0,50
Criciúma	20.625	148.165	7.184	20.857	143.551	6.883	1,12	-3,11	-4,19
Florianópolis	2.895	16.336	5.643	3.095	17.336	5.601	6,91	6,12	-0,74
Itajaí	9.088	59.997	6.602	9.261	68.561	7.403	1,90	14,27	12,14
Ituporanga	259	1.554	6.000	259	2.072	8.000	0,00	33,33	33,33
Joinville	19.655	126.509	6.436	19.736	166.576	8.440	0,41	31,67	31,13
Rio do Sul	10.684	77.324	7.237	10.707	90.992	8.498	0,22	17,68	17,42
Tabuleiro	125	1.050	8.400	146	1.238	8.479	16,80	17,90	0,95
Tijucas	2.690	20.300	7.546	2.690	20.300	7.546	0,00	0,00	0,00
Tubarão	21.025	158.508	7.539	21.082	156.177	7.408	0,27	-1,47	-1,74
Santa Catarina	146.708	1.040.097	7.090	147.942	1.102.936	7.455	0,84	6,04	5,16

Fonte: Epagri/Cepa.

A safra 2016/17 em Santa Catarina deverá ter área 0,84% maior e produção 6% maior em relação ao ano anterior. O plantio já se encontra encerrado no estado e os relatórios apontam para uma boa safra, com área equivalente a 148 mil hectares e produção de 1,1 milhões de toneladas. Na região norte do estado é esperada colheita de algumas áreas em janeiro que são plantadas mais cedo com a intensão de cultivo da soca (rebrote do arroz). A produtividade, que foi fortemente afetada pelos fatores climáticos desencadeados pelo El Niño na safra 2015/16, deverá aumentar em 5,16% atingindo a marca de 7.455 kg por hectare na média estadual, mas com produtividades ultrapassando os 8.000 kg por hectare em algumas regiões.

Feijão

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br



Nota: Preços reais, corrigidos pelo IGP-DI (outubro/2016 = base 100).

Fonte: Epagri/Cepa.

Feijão – Evolução do preço médio mensal real pago ao produtor de feijão-carioca em Joaçaba, SC e feijão-preto em Chapecó, SC – jan./2014 a nov./2016

Com cerca de 58% da área destinada a plantio de feijão já implantada, sendo que deste percentual cerca de 16% já se encontra em fase de floração, as lavouras de feijão no estado apresentam desenvolvimento bom, com as condições climáticas sendo favoráveis. A exceção é para as regiões mais frias, nesse locais as lavouras plantadas mais cedo foram afetadas pelas baixas temperaturas, em outubro e início de novembro, as quais prejudicaram o desenvolvimento das plantas, retardando seu crescimento, com possibilidade de ocorrer uma redução na estimativa de produtividade em relação ao levantamento anterior. Lavouras do tarde se encontram em melhores condições, favorecidas pela elevação da temperatura e chuvas mais frequentes, mas dentro da média esperada. Em relação aos aspectos agrônômicos, a sanidade das lavouras é boa, sem registros de pragas e doenças que possam afetar a qualidade da produção. Com preços no mês de novembro seguiram em queda, o preço pago ao produtor pela saca de 60kg de feijão-carioca continuou caindo, passando de R\$241,05 para R\$180,00 (praça Joaçaba,SC), o que representa uma queda de 25,33% entre os meses de outubro e novembro.

Feijão Carioca – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores

Estado	Preço (R\$) out./16	Preço (R\$) nov./16	Variação Mensal (%)
Santa Catarina ⁽¹⁾	241,05	180,00	-25,33
Paraná	251,29	202,36	-19,47
Minas Gerais	236,57	183,10	-22,60
Espírito Santo	250,00	250,00	0,00
Bahia	242,10	202,59	-16,32
Goiás	216,10	182,60	-15,50

⁽¹⁾ Praça de referência Joaçaba, SC.

Fonte: Epagri/Cepa, Conab (dados extraído em 09/12/2016).

O preço do feijão-carioca continuou em queda no mês de novembro em todo país. Santa Catarina, Paraná e Minas Gerais tiveram as maiores quedas. O mercado deve voltar a reagir a partir de janeiro, com a entrada de produto da nova safra da região sul do país.

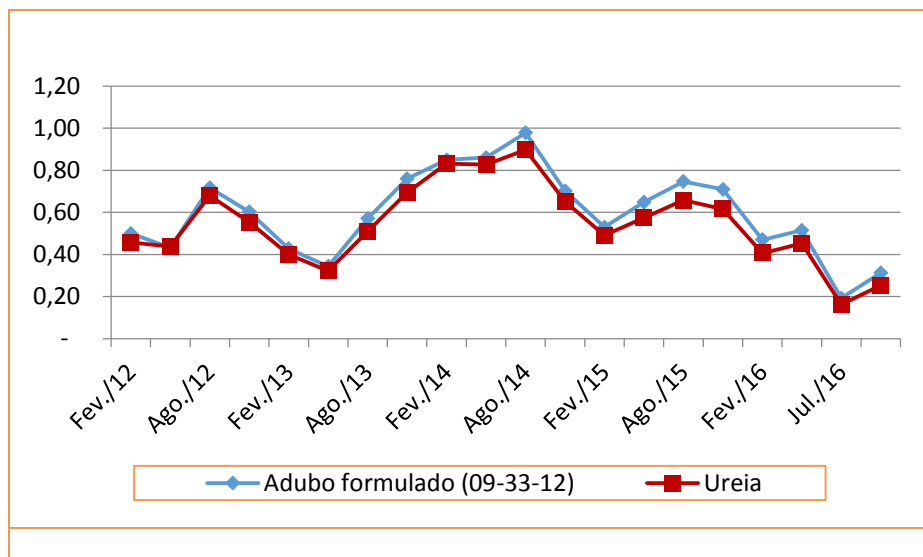
Feijão Preto – Evolução do preço médio mensal ao produtor nos principais estados produtores

Estado	Preço (R\$) out./16	Preço (R\$) nov./16	Variação Mensal (%)
Santa Catarina ⁽¹⁾	195,00	195,00	0,00
Espírito Santo	363,75	357,00	-1,86
Goiás	282,50	268,00	-5,13
Paraná	222,28	218,56	-1,67
Rio de Janeiro	276,25	266,20	-3,64
Rio Grande do Sul	213,21	209,92	-1,54

⁽¹⁾ Praça de referência Chapecó, SC.

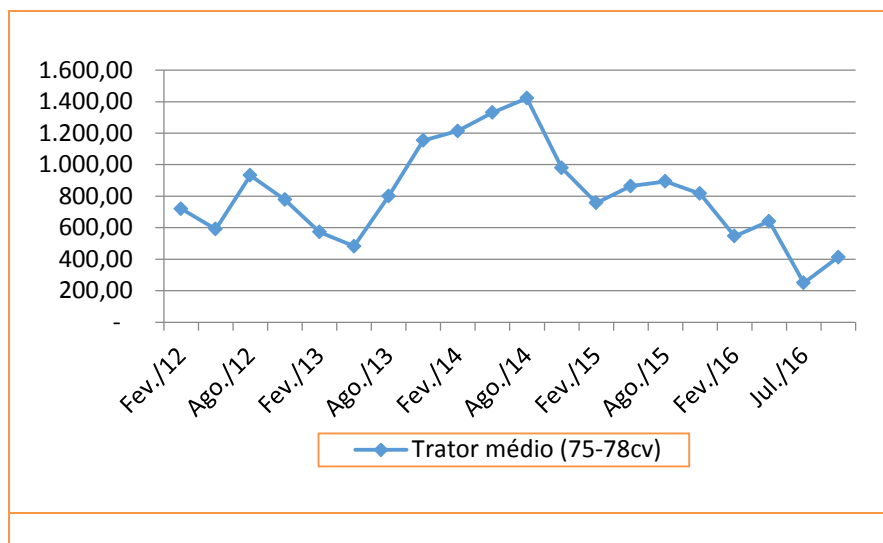
Fonte: Epagri/Cepa, Conab (dados extraído em 09/12/2016).

O mercado do feijão-preto permaneceu calmo no último mês, nas principais regiões produtoras as variações foram pouco significativas. Em Santa Catarina não houve variação na praça de Chapecó, SC.



O adubo formulado 09-33-12 e a uréia, dois dos principais fertilizantes usados na cultura do feijão tiveram redução de preços quando compamos os meses de julho e outubro de 2016, períodos em que são realizados levantamentos de preços de insumos, serviços e fatores de produção em nosso estado. Contudo nesse período os preços pagos ao produtor pelo feijão-carioca também despencara, passando de R\$405,38 em

julho, para R\$241,05 em outubro de 2016. Em novembro para adquirir uma saca de 50kg de adubo, foi necessário desembolsar o equivalente a 0,42 saca de feijão-carioca, em agosto esse desembolso foi de 0,19 saca de feijão-carioca, aumento de 54%. O adubo uréia seguiu a mesma tendência, em novembro o produtor gastou 0,25 saca de feijão-carioca para adquirir uma saca de 50kg de uréia, contra 0,16 saca de feijão-carioca gasto em agosto para adquirir a mesma saca de uréia, aumento de 36%.



Com relação a tratores, tomando como base um trator médio de 75 a 78cv, em agosto de 2016 foi necessário 249,54 sacos de 60kg de feijão-carioca para adquirir um trator com essa especificação, já em novembro de 2016, se o produtor quisesse adquirir o mesmo trator, teria que desembolsar 413,25 sacos de 60kg de feijão-carioca, aumento de aproximadamente 65%.

Feijão 1ª safra – Comparativo de safra 2015/16 e 2016/17

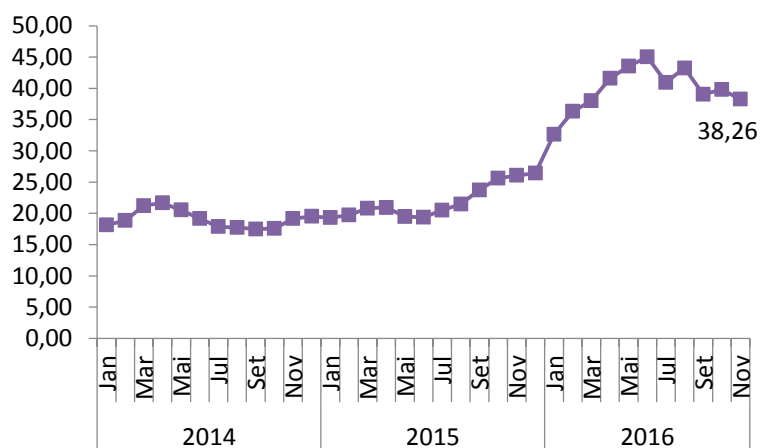
Microrregião	Safra 2015/2016			Estimativa Inicial Safra 2016/2017			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod.(t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	150	146	970	30	30	1.000	-80	-79	3
Blumenau	328	328	1.000	164	168	1.024	-50	-49	2
Campos de Lages	9.720	19.541	2.010	9.320	17.936	1.924	-4	-8	-4
Canoinhas	5.570	8.452	1.517	6.140	12.114	1.973	10	43	30
Chapecó	1.746	2.953	1.691	1.725	3.358	1.946	-1	14	15
Concórdia	514	527	1.025	415	580	1.398	-19	10	36
Criciúma	354	464	1.312	1.076	1.312	1.219	204	183	-7
Curitibanos	15.600	27.529	1.765	10.595	21.767	2.054	-32	-21	16
Florianópolis	280	370	1.321	140	185	1.321	-50	-50	0
Itajaí	19	22	1.158	9	5	556	-53	-77	-52
Ituporanga	500	412	824	959	2.162	2.254	92	425	174
Joaçaba	4.288	7.429	1.733	3.733	7.019	1.880	-13	-6	9
Joinville	28	20	714	14	10	714	-50	-50	0
Rio do Sul	620	444	716	536	978	1.825	-14	120	155
São Bento do Sul	430	540	1.256	300	450	1.500	-30	-17	19
São M. do Oeste	992	1.427	1.439	1.082	1.896	1.752	9	33	22
Tabuleiro	970	1.088	1.122	400	442	1.105	-59	-59	-1
Tijucas	468	621	1.327	264	426	1.614	-44	-31	22
Tubarão	1.002	1.357	1.354	1.053	1.500	1.424	5	11	5
Xanxerê	4.855	10.521	2.167	6.500	15.261	2.348	34	45	8
Santa Catarina	48.434	84.190	1.738	44.455	87.597	1.970	-8	4	13

Fonte: Epagri/Cepa, IBGE/LSPA - SC (novembro/2016).

Com números atualizados, neste mês de novembro verificamos que o rendimento médio esperado passou para 13% acima do que foi obtido na safra passada. De maneira geral o clima tem colaborado com os produtores. Em três das principais regiões produtoras, Curitibanos, Joaçaba e Lages, que juntas respondem nesta safra por 53% da área cultivada com feijão primeira safra do estado, os plantios ainda estão iniciando, essas regiões tradicionalmente plantam feijão a partir de dezembro, mas as expectativas são boas, a exemplo do que vem ocorrendo com o feijão que já está em floração em outras regiões do estado.

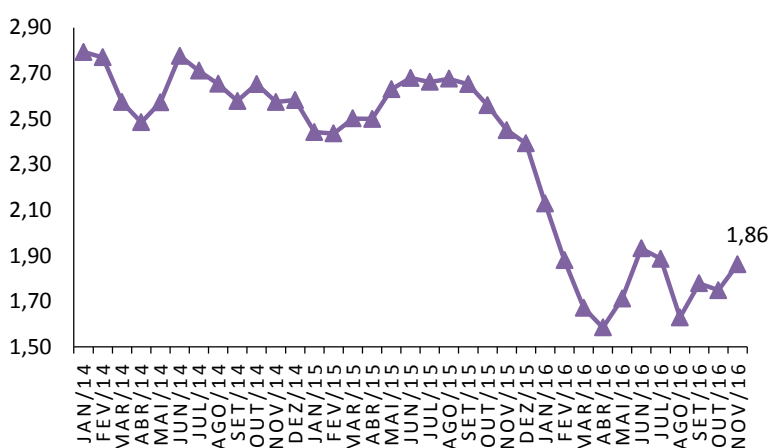
Milho

Gláucia de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



Fonte: Epagri/Cepa.

Milho – Evolução do preço médio mensal real ao produtor em Santa Catarina – Jan. 2014 a Nov. 2016

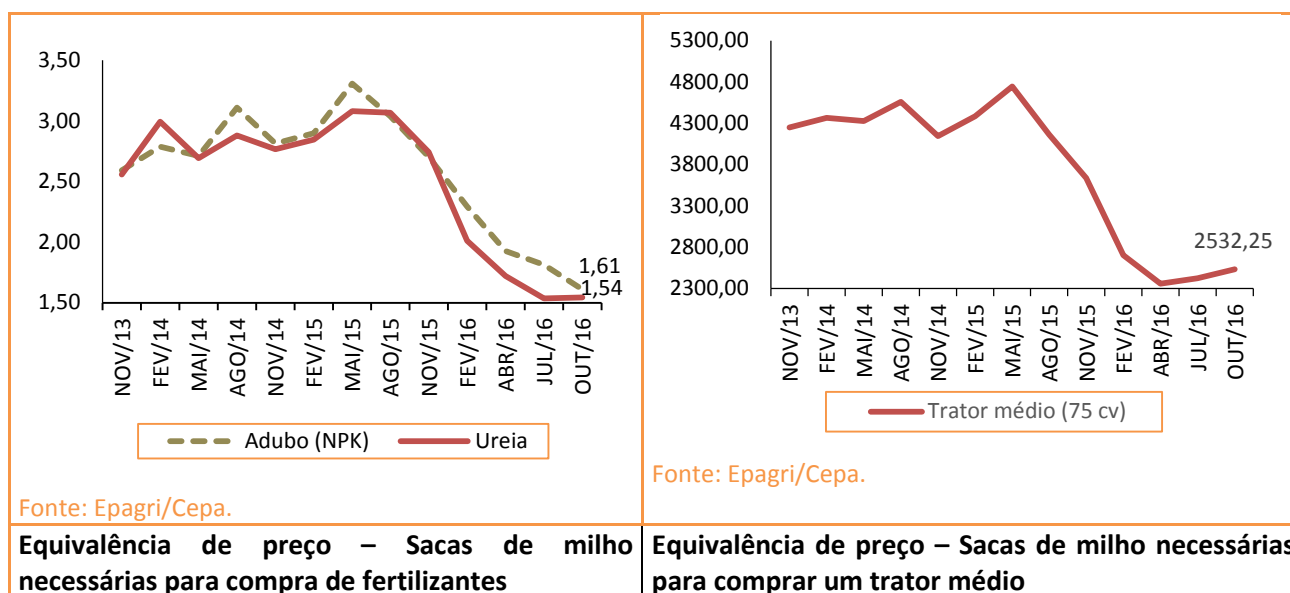


Fonte: Epagri/Cepa.

Equivalência de preços de soja e milho em Santa Catarina

O milho em Santa Catarina continua apresentando cotações decrescentes. Em Novembro de 2016 o preço médio fechou em R\$ 38,26, cerca de 4% menor em relação ao mês anterior. Essa desvalorização do preço do milho combinada à valorização do preço da soja no estado resultou em crescimento da equivalência de preços destes dois produtos, que embora ainda tenha se mantido favorável ao produtor de milho, mostra que a soja ainda é bastante atrativa e pode voltar a ser favorável em relação ao milho no curto prazo, principalmente se considerarmos que a soja é um artigo de maior liquidez que o milho no estado. Entre os fatores que têm afetado o comportamento dos preços do milho estão a boa safra estimada para o Estados Unidos, Argentina e China, bem como a projeção de safra de normal a expressiva para o Brasil, considerando que o bom tempo continue e não afete negativamente a safrinha. Ademais, em Santa Catarina também é esperada uma safra maior em relação ao último ano e com grãos de boa qualidade, conforme vem sendo observado o bom desenvolvimento das lavouras já semeadas. Esse aumento da oferta do grão exerce influência direta sobre os

preços e pode resultar em sucessivas quedas nos próximos meses. A queda prevista nos preços, que voltam a desagradar os produtores de milho, traz tranquilidade aos produtores de proteína animal, que tiveram seus custos de produção aumentados em 2016 em decorrência da quebra significativa de safra nesse ano. No entanto, deve-se ficar atento à política americana de aumento da produção de etanol, que significa aumento da demanda por milho brasileiro, e consequentemente, pode resultar em aumento dos preços pela redução da oferta.



Quanto ao preços dos insumos, observa-se que o aumento dos preços do milho também resultou em queda na equivalência de preços entre o grão e seus principais insumos. No mês de outubro foram necessárias cerca de 1,6 sacas de 60 kg milho para adquirir um saco de adubo NPK de 50 kg e 1,54 sacos de milho para adquirir um saco de 50 kg de uréia. Para o trator de 75 cv a equivalência de preços sofreu ligeira alta em relação ao mês de abril de 2016 (menor preço observado), sendo necessárias 2532 sacos de milho para adquirir um trator. Além do aumento do preço do milho, destaca-se que houve uma queda nos preços dos insumos no estado, seguindo a tendência nacional, haja vista a instabilidade econômica e forte oscilação do dólar.

Milho Grão Total – Acompanhamento da safra 2016/17 – Santa Catarina

Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 (Estimativa Atual)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	7.516	40.135	5.340	7.996	31.713	3.966	6,39	-20,98	-25,73
Blumenau	1.673	6.400	3.825	1.567	5.967	3.808	-6,34	-6,77	-0,46
Campos de Lages	35.500	233.622	6.581	35.160	259.926	7.393	-0,96	11,26	12,34
Canoinhas	30.500	266.270	8.730	32.000	287.760	8.993	4,92	8,07	3,00
Chapecó	61.314	530.621	8.654	66.150	487.198	7.365	7,89	-8,18	-14,90
Concórdia	31.140	211.666	6.797	28.020	198.283	7.076	-10,02	-6,32	4,11
Criciúma	7.833	47.141	6.018	8.140	47.906	5.885	3,92	1,62	-2,21
Curitibanos	19.848	182.149	9.177	21.608	217.786	10.079	8,87	19,56	9,83
Florianópolis	619	2.299	3.714	619	2.299	3.714	0,00	0,00	0,00
Itajaí	54	199	3.685	53	196	3.698	-1,85	-1,51	0,35
Ituporanga	10.080	61.600	6.111	11.220	77.044	6.867	11,31	25,07	12,36
Joaçaba	55.552	443.751	7.988	59.684	543.664	9.109	7,44	22,52	14,03
Joinville	390	1.284	3.292	340	1.160	3.412	-12,82	-9,66	3,63
Rio do Sul	19.450	111.432	5.729	20.060	121.063	6.035	3,14	8,64	5,34
São Bento do Sul	5.500	44.750	8.136	5.000	40.900	8.180	-9,09	-8,60	0,54
São Miguel do Oeste	45.640	282.792	6.196	45.890	335.142	7.303	0,55	18,51	17,87
Tabuleiro	3.505	11.968	3.415	3.457	11.801	3.414	-1,37	-1,40	-0,03
Tijucas	1.690	6.237	3.691	1.705	6.764	3.967	0,89	8,45	7,50
Tubarão	6.381	37.431	5.866	5.548	26.425	4.763	-13,05	-29,41	-18,81
Xanxerê	23.500	207.534	8.831	26.770	249.382	9.316	13,91	20,16	5,49
Santa Catarina	367.685	2.729.281	7.423	380.987	2.952.378	7.749	3,62	8,17	4,40

Fonte: Epagri/Cepa.

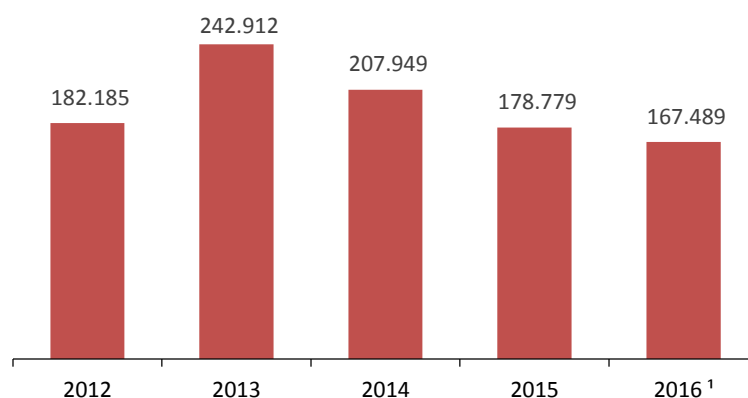
Milho Silagem – Acompanhamento da safra 2016/17 – Santa Catarina

Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 (Estimativa Atual)			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
Araranguá	4.870	156.845	32.206	4.912	147.459	30.020	0,97	0,53	-0,43
Blumenau	1.797	69.865	38.879	1.824	70.895	38.868	1,50	1,47	-0,03
Campos de Lages	5.320	220.250	41.400	5.160	251.250	48.692	14,85	14,07	-0,67
Canoinhas	3.800	140.000	36.842	4.230	163.900	38.747	5,26	6,61	1,28
Chapecó	58.800	2.416.709	41.100	57.755	2.362.574	40.907	-2,39	-3,60	-1,24
Concórdia	18.280	737.800	40.361	24.780	982.100	39.633	34,46	32,03	-1,81
Criciúma	3.574	141.177	39.501	3.693	146.907	39.780	3,27	3,28	0,00
Curitibanos	2.550	99.680	39.090	2.550	116.620	45.733	0,00	0,00	0,00
Florianópolis	326	13.510	41.442	331	13.700	41.390	1,53	1,41	-0,13
Itajaí	60	1.800	30.000	61	1.827	29.951	1,67	1,50	-0,16
Ituporanga	2.580	108.800	42.171	2.400	99.000	41.250	-6,98	-9,01	-2,18
Joaçaba	15.100	661.100	43.781	15.520	739.350	47.639	1,99	1,84	-0,15
Rio do Sul	14.830	527.010	35.537	15.380	549.850	35.751	3,71	4,33	0,60
São Miguel do Oeste	47.190	1.613.840	34.199	45.870	1.750.700	38.167	-2,80	8,48	11,60
Tabuleiro	1.320	70.950	53.750	1.339	71.998	53.770	1,44	1,48	0,04
Tijucas	2.470	71.020	28.753	2.506	72.050	28.751	1,46	1,45	-0,01
Tubarão	10.596	390.870	36.888	10.683	362.426	33.925	0,87	-6,48	-7,28
Xanxerê	17.120	749.300	43.768	16.280	700.800	43.047	-6,13	-7,64	-1,61
Santa Catarina	210.583	8.190.526	38.895	215.274	8.603.406	39.965	2,15	3,39	1,22

Fonte: Epagri/Cepa.

A expectativa para a produção de milho em grão no estado foi alterada no último levantamento realizado pelo Epagri/Cepa. De acordo com os últimos relatórios, a área plantada com milho deverá ser equivalente a 381.987 mil hectares e gerar uma produção de 2.952.378 toneladas em 2016/17. Isso representa aumento de 3,62% em relação à safra anterior, que foi bastante prejudicada pelos problemas climáticos ocorridos. Com cerca de 99% da área já semeadas e 25,87% já em floração, o andamento das lavouras tem se mostrado normal, com expectativa de que a produtividade média seja 7.749 kg por hectares, em função do bom desempenho observado nas lavouras. Parte desse aumento de área pode ser explicado pelos bons preços para o milho no mercado interno observados no último ano, que levou à substituição de áreas de soja por áreas de milho, principalmente nas regiões oeste, planalto norte e sul do estado. Para o milho destinado à produção de silagem também é observado um aumento de área de 2,15% em relação à safra 2015/16, sobretudo nas regiões serrana e oeste do estado, onde tem havido crescimento da produção leiteira. Espera-se que a área destinada à silagem em 2016/17 totalize 215,3 mil hectares.

As exportações catarinenses de milho de janeiro a novembro de 2016 atingiram a marca de 167,5 mil toneladas, ficando um pouco abaixo do total exportado em 2015. Apesar do mercado interno aquecido, o mercado externo proporcionou maiores ganhos e atraiu o produtor, resultando em volume expressivo das exportações em 2016, mas ainda insuficiente para ultrapassar a marca de 2013 (ano de maior volume exportado dos últimos cinco anos). Em novembro de 2016, foram exportadas aproximadamente 5 mil toneladas, abaixo da média observada nos últimos três anos para este mês, como reflexo dos compromissos assumidos no mercado futuro. Esse volume deverá reduzir a partir dos próximos meses.



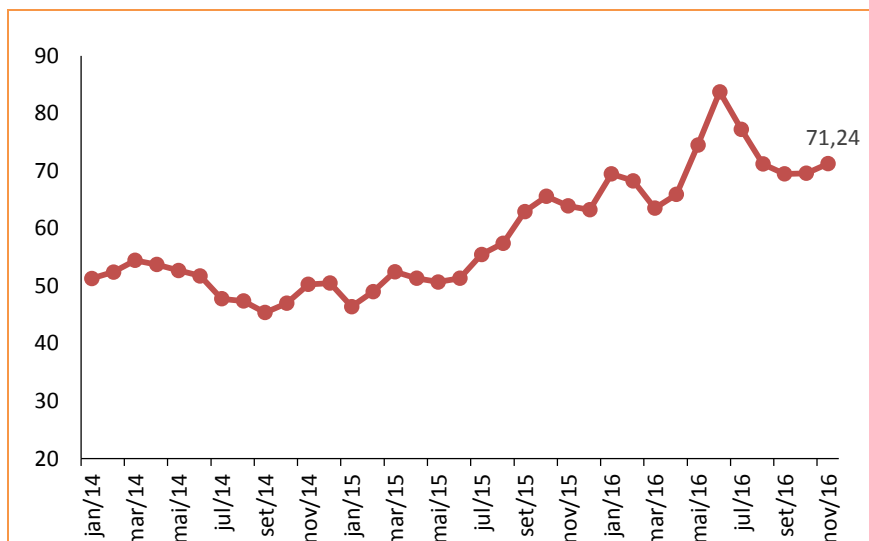
(¹) Exportações acumuladas de Janeiro a Outubro.

Fonte: Secex/MDIC.

Exportações catarinenses de milho em grão e semente (2012-2016¹) – em toneladas

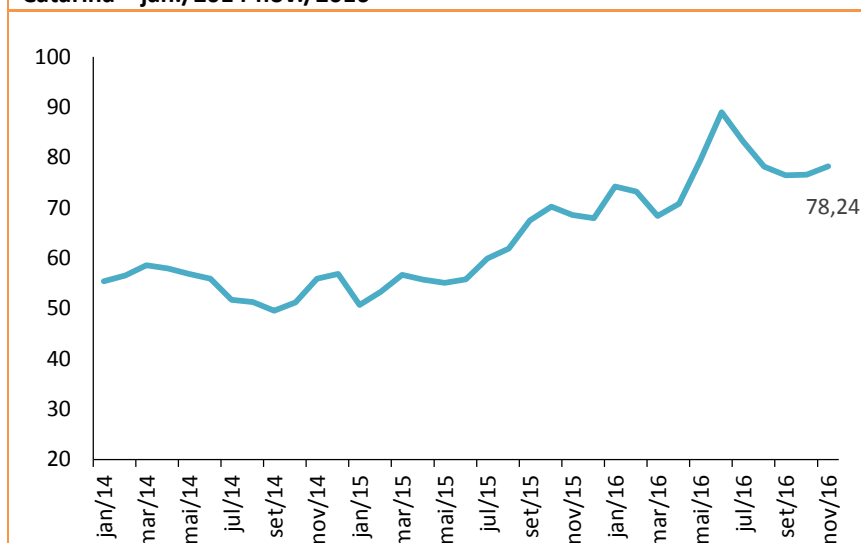
Soja

Glaucia de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadrao@epagri.sc.gov.br



Fonte: Epagri/Cepa.

Soja – Preço médio real mensal de soja em grão ao produtor, Santa Catarina – jan./2014-nov./2016



Fonte: Epagri/Cepa.

Soja – Preço médio real mensal de soja em grão no atacado, Santa Catarina – jan./2014-nov./2016

O preço médio da soja em grão em Santa Catarina fechou em R\$71,24 em novembro de 2016. O preço médio mensal de soja apresentou comportamento crescente na última safra e atingiu seu ápice em junho de 2016, passando a decrescer nos últimos meses. A frustração de safra na Argentina, a procura por farelo para produção de ração, a quebra de safra do milho no estado e o aquecimento do mercado externo explicam o comportamento crescente dos preços do grão na última safra. Estes preços passaram a decrescer no últimos meses pela expectativa de safra record nos Estados Unidos. Contudo, uma mudança na política americana de biocombustíveis que promoverá um aumento na demanda por soja, e a valorização do preço da soja no mercado futuro, influenciaram positivamente os preços do grão em novembro. Em Santa Catarina, os preços de novembro de 2016 foram cerca de 2,4% maiores em relação à outubro de 2016. Comparativamente ao preço do milho, em novembro, observou-se uma redução de 3,84% no preço do milho, resultando em uma equivalência de troca crescente a favor da

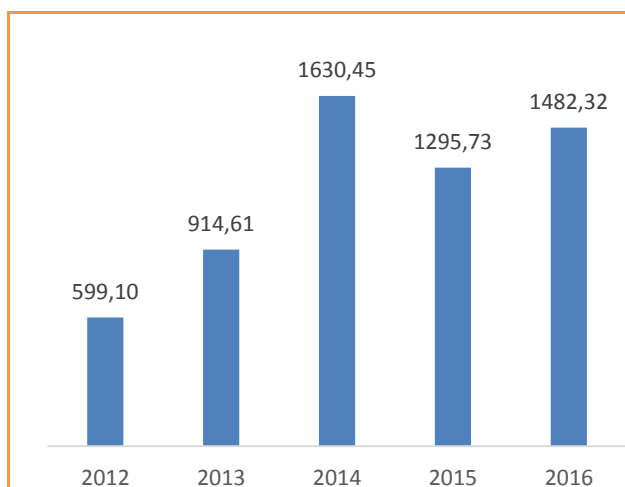
soja, embora ainda esteja em um patamar onde produzir milho seja favorável. Com isso, o mercado de soja, que não deixou de ser atrativo pela alta liquidez deste grão, volta a dar sinais de que a área de soja não deverá decrescer significativamente em 2016/17.

Soja – Acompanhamento da safra 2016/17 – Santa Catarina

Microrregião	Safra 2015/16			Safra 2016/17 - Estimativa atual			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quantidade produzida (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plant.	Quant. prod.	Rend. médio
C. de Lages	60.430	201.440	3.333	59.200	189.740	3.205	-2,04	-5,81	-3,85
Canoinhas	133.320	456.456	3.424	131.700	469.300	3.563	-1,22	2,81	4,08
Chapecó	91.575	262.779	2.870	87.919	267.648	3.044	-3,99	1,85	6,09
Concórdia	4.235	13.290	3.138	5.890	19.203	3.260	39,08	44,49	3,89
Curitibanos	103.645	358.894	3.463	107.180	415.920	3.881	3,41	15,89	12,07
Ituporanga	6.350	21.265	3.349	6.940	24.246	3.494	9,29	14,02	4,33
Joaçaba	57.905	207.558	3.584	56.030	212.871	3.799	-3,24	2,56	5,99
Rio do Sul	3.375	10.941	3.242	4.200	14.730	3.507	24,44	34,63	8,19
São B. do Sul	10.400	34.320	3.300	10.500	33.900	3.229	0,96	-1,22	-2,16
S. M. do Oeste	36.270	108.882	3.002	35.970	108.938	3.029	-0,83	0,05	0,89
Xanxerê	140.000	448.763	3.205	137.060	452.253	3.300	-2,10	0,78	2,94
Santa Catarina	647.505	2.124.588	3.281	642.589	2.208.749	3.437	-0,76	3,96	4,76

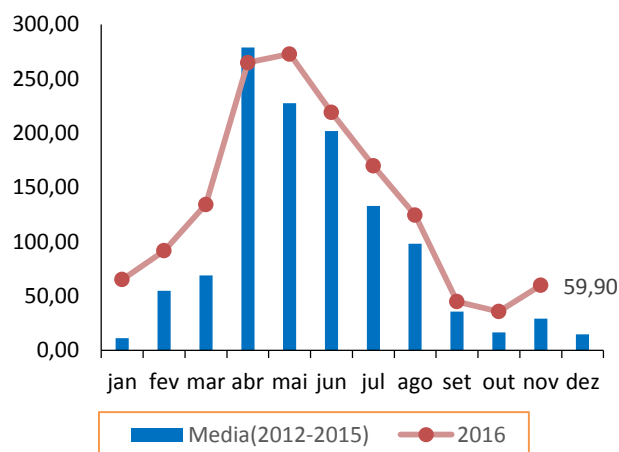
Fonte: Epagri/Cepa.

No que se refere ao comportamento da safra 2016/17 no estado, no último relatório do Epagri/Cepa, houve uma leve correção da área plantada de soja, onde se espera que esta seja reduzida em 0,76% em relação à safra anterior. Desta área, cerca de 96% já foi plantada no estado, e os relatórios apontam para um bom desempenho das lavouras. Dessa forma, a expectativa é que a produtividade seja quase 5% maior do que a observada no último ano safra, fechando em 3.437 kg por hectare, e resultando em uma produção de 2,2 milhões de toneladas.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

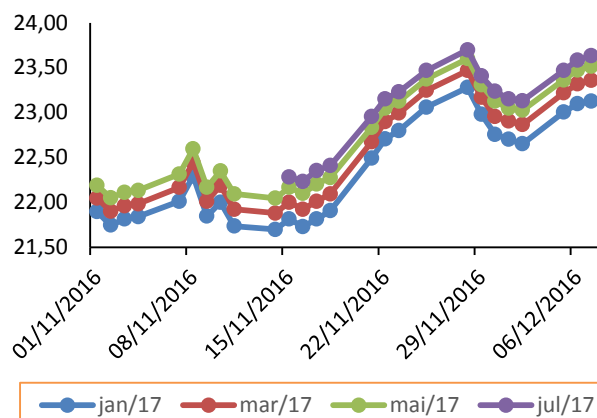
Soja – Acumulado das exportações da soja em grão de Santa Catarina (2012 a 2016), em mil toneladas



Fonte: MDIC/Aliceweb.

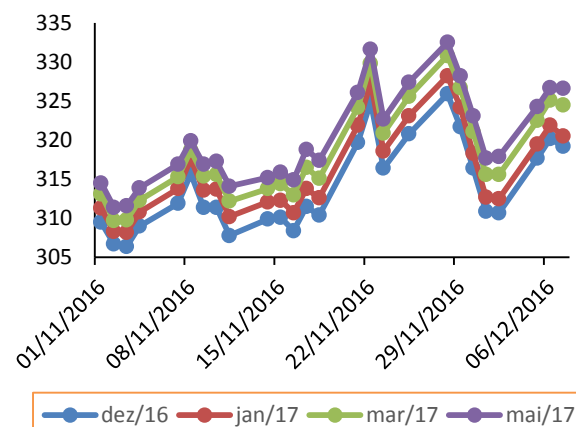
Soja – Exportações mensais da soja em grão de Santa Catarina (2012 a 2016), em mil toneladas

Com o mercado externo aquecido, as exportações catarinenses do complexo soja foram bastante expressivas. Entre janeiro e novembro de 2016, as exportações totalizaram 1,5 milhões de toneladas, 14,4% maior que o volume exportado em todo o ano de 2015. No comparativo mês a mês também se observa que em novembro de 2016 o volume exportado, 59,9 mil toneladas, foi maior que a média dos últimos quatro anos (29,3 mil toneladas). Entre os principais destinos, destacam-se a China (cerca de 85%) e Estados Unidos.



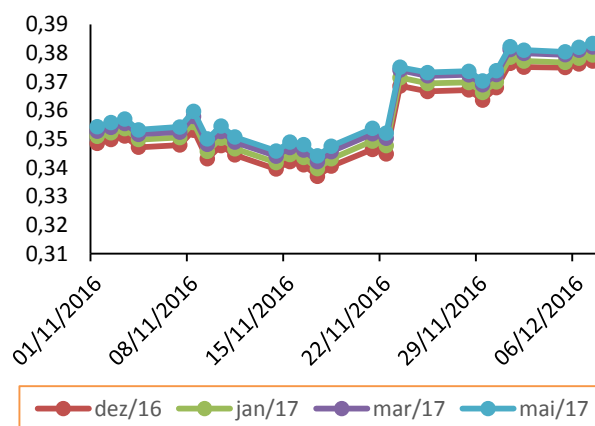
Fonte: CME Group - CBOT.

Soja em grão – Preço futuro negociado na CBOT (US\$/sc 60 kg)



Fonte: CME Group - CBOT.

Farelo de Soja – Preço futuro negociado na CBOT (US\$/t)



Fonte: CME Group - CBOT.

Óleo de Soja – Preço futuro negociado na CBOT (US\$/lb)

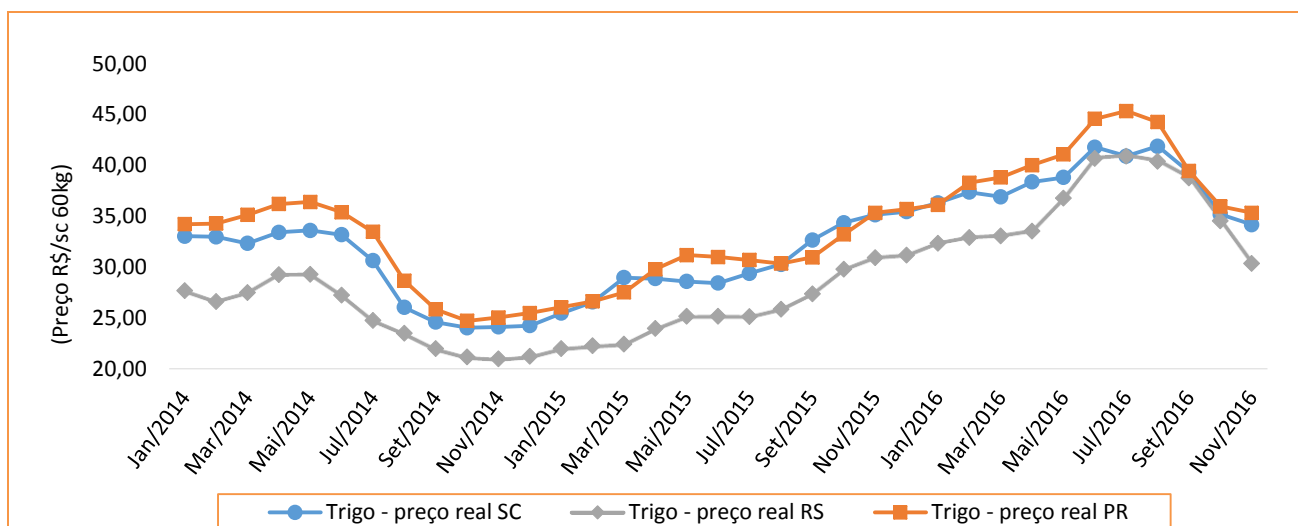
Os preços futuros da oleaginosa apontam para uma valorização nos últimos dias para os contratos com vencimento em Janeiro, Março, Maio e Julho para o grão, e Dezembro, Janeiro, Março e Maio para o farelo e óleo de soja. Entre as causas dessa valorização estão o aumento do consumo norte-americano de óleo de soja, destinado principalmente para o setor de biocombustíveis, resultando em aumento no preço futuro da soja e derivados, haja vista a expectativa de realocação da oferta. Alguns fatores podem exercer pressão baixista nos preços, tais como a expectativa de safra record no Brasil e Argentina. Com preços futuros valorizados, espera-se um aumento no número de contratos e, conseqüentemente, aumento das exportações do grão no próximo ano.

Trigo

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa

joaoalves@epagri.sc.gov.br



Nota: preços corrigidos pelo IGP-DI (outubro/2016 = base 100).

Fonte: Epagri/Cepa, Conab.

Trigo Grão – Evolução do preço médio mensal real pago ao produtor de trigo grão – Santa Catarina (jan./2014 a nov./2016)

A colheita de trigo avançou bastante neste mês de novembro, com mais de 95% da área plantada já colhidos, a safra tem apresentado excepcional desempenho. Os rendimentos médios obtidos e a qualidade do produto tem surpreendido os produtores, na região de Canoinhas a produtividade média relatada pelos produtores gira entorno de 3.300 à 4.000 kg/ha, já na região de Curitiba e Joaçaba, os rendimentos tem variado entre 3.600 e 4.800 kg/ha. A expectativa é que estes números se confirmem no próximo mês, quando poderemos atualizar as expectativas com informações consolidadas de todas as regiões produtoras.

Quanto à qualidade, o que se tem visto à campo é que será uma safra excelente, os produtores relatam que o produto colhido tem apresentado PH acima de 80. No Brasil uma das formas de classificação dos grãos de trigo é por tipos. O peso hectolitro (PH) é uma análise física do grão, e é a massa de 100 litros de trigo expressa em kg/hl. É influenciado por uniformidade, forma, densidade e tamanho do grão e pelo teor de matérias estranhas e grãos quebrados da amostra, servindo como indicativo da sanidade do grão. O peso do hectolitro do trigo é um parâmetro de grande importância na comercialização do produto, uma vez que determina os preços praticados para a venda do grão. O trigo no Brasil é comercializado utilizando-se, como valor de referência, PH igual a 78 kg/hl (trigo superior).

Os preços continuam em queda, na comparação com o mês de outubro, a redução foi de 2,82%, no mês passando o preço médio estadual da saca de 60kg ficou em R\$35,16, já em novembro o produtor recebeu R\$34,17/60kg. Na comparação com o Preço Mínimo de Garantia do Governo Federal que é de R\$38,65/60kg, a diferença está em -11,6%.

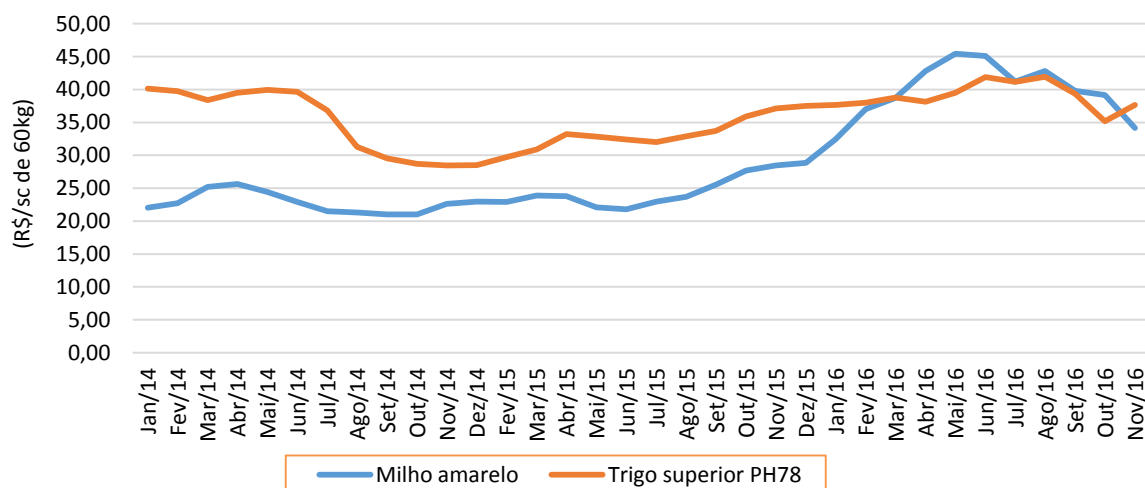
Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor safra 2016/17 – R\$/saca de 60kg

Estado	out/16	nov./16	variação (%)
Santa Catarina	35,16	34,17	-2,82
Paraná	35,97	35,33	-1,78
Rio Grande do Sul	34,55	30,34	-12,19
São Paulo	46,02	44,60	-3,09
Minas Gerais	49,15	49,26	0,22
Mato Grosso do Sul	37,70	30,00	-20,42

Fonte: Epagri/Cepa, Conab.

Os preços pagos aos produtores recuaram na maioria dos estados produtores. No Paraná, segundo a Conab, os preços recuaram 1,78%, enquanto que no Rio Grande do Sul essa redução foi de 12,19%. Essa redução geral nos preços é em função da excelente safra nacional que se anuncia, que aliado ao excesso de trigo nos mercados internacionais, mostram um cenário indefinido em relação aos preços a serem pagos ao produtor nos próximos meses. O que alivia um

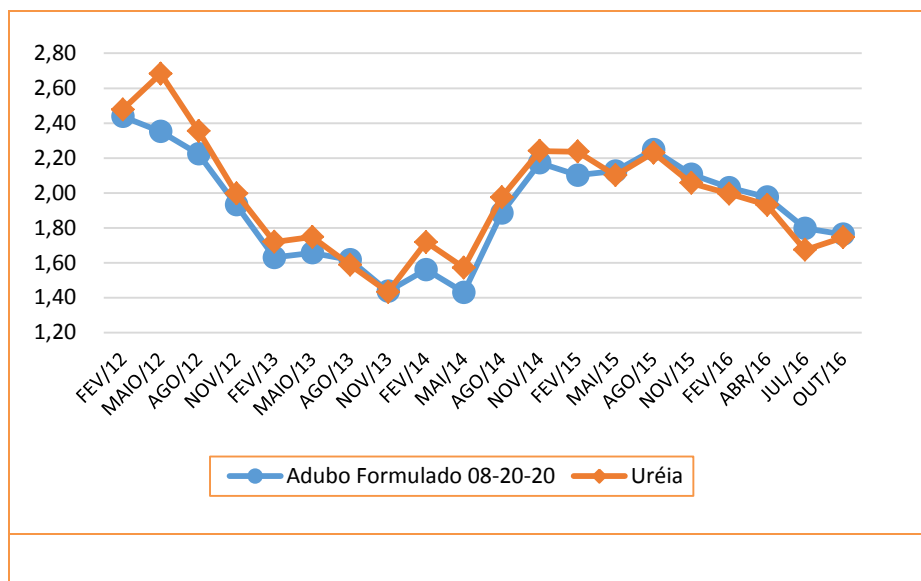
pouco os produtores são os elevados rendimentos que vem sendo observados nas lavouras já colhidas, isso em parte deve compensar os baixos preços que estão sendo praticados.



Fonte: Epagri/Cepa.

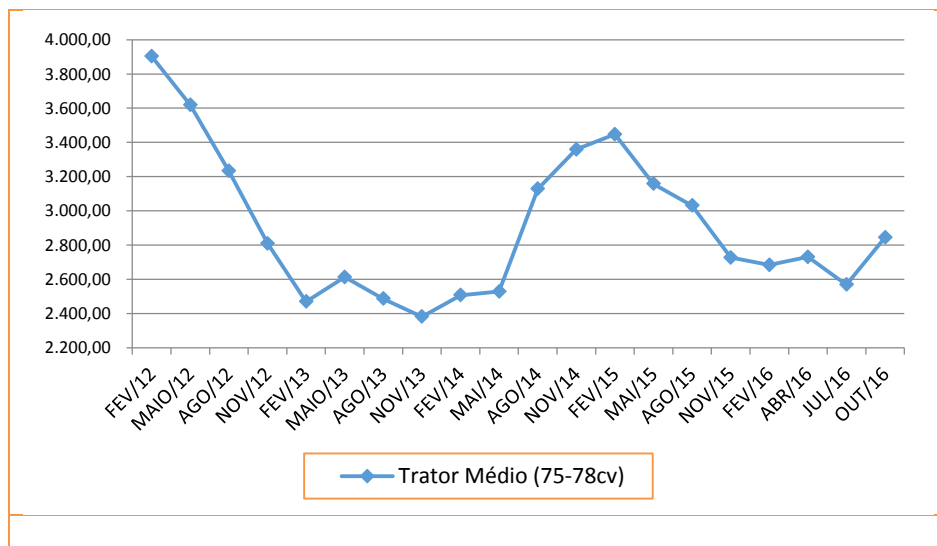
Trigo Grão – Relação do preço médio mensal nominal pago ao produtor para o trigo e milho – Santa Catarina (jan./2014 a nov./2016)

Em novembro a relação de preço nominal entre o trigo e o milho foi de 10,2% em favor do trigo. No gráfico podemos visualizar que no estado, desde março deste ano o preço da saca de 60kg de milho grão vinha sendo superior ao preço da saca de 60kg de trigo grão, no último mês com a queda nos preços do milho, essa relação de inverteu.



No mês de outubro atualizamos os números do levantamento de insumos, serviços e fatores de produção. Como podemos observar nos gráficos ao lado, ocorreram variação para mais ou para menos dependendo do insumo. O adubo formulado 08-20-20 e a uréia, dois dos principais fertilizantes usados na cultura do trigo tiveram redução quando comparado ao mês de julho. Em novembro para adquirir uma saca de 50kg de

adubo, foi necessário desembolsar o equivalente a 1,76 sacos de trigo grão, em agosto esse desembolso foi de 1,80 sacos de trigo, redução de 2,3%. O adubo uréia seguiu a mesma tendência, em novembro foi gasto 1,75 sacos de trigo para a aquisição de uma saca de 50kg de uréia, contra o 1,67 sacos de trigo gastos em agosto para a aquisição da mesma saca de uréias, redução de 4,8%.



Com relação a tratores, tomando como base um trator médio de 75 a 78cv, em agosto de 2016 foi necessário 2.568,13 sacas de 60kg de trigo grão para adquirir um trator com essa especificação, já em novembro de 2016, o mesmo trator poderia ser adquirido pelo valor equivalente a 2.657,07 sacas de 60kg de trigo grão, aumento de aproximadamente 3,5%.

Trigo Grão – Comparativo de safra 2015/16 e estimativa atual da safra 2016/17

Microrregião	Safra 2015/16			Estimativa atual Safra 2016/17			Variação (%)		
	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área plantada (ha)	Quant. prod. (t)	Rend. médio (kg/ha)	Área	Quant. prod.	Rend. médio
Blumenau	30	54	1.800	20	36	1.800	-33	-33	0
Campos de Lages	1.600	4.520	2.825	1.700	6.270	3.688	6	39	31
Canoinhas	17.380	26.874	1.546	14.900	54.474	3.656	-14	103	136
Chapecó	18.050	37.749	2.091	16.605	46.827	2.820	-8	24	35
Concórdia	768	2.031	2.643	622	1.742	2.800	-19	-14	6
Curitibanos	10.783	22.473	2.084	10.648	47.165	4.429	-1	110	113
Ituporanga	550	672	1.222	1.720	4.266	2.480	213	535	103
Joaçaba	6.415	12.921	2.014	4.700	18.212	3.875	-27	41	92
Rio do Sul	110	126	1.145	487	1.338	2.747	343	962	140
São Bento do Sul	220	396	1.800	250	843	3.372	14	113	87
São M. do Oeste	4.207	6.595	1.568	2.295	7.325	3.192	-45	11	104
Tijucas	40	6	150	48	144	3.000	20	2300	1900
Xanxerê	15.645	41.666	2.663	15.175	43.719	2.881	-3	5	8
Santa Catarina	75.798	156.082	2.059	69.170	232.360	3.359	-9	49	63

Fonte: Epagri/Cepa, IBGE/LSPA - SC (dezembro/2016)

A estimativa atual para a safra 2016/17 de trigo sofreu significativa alteração no mês de novembro, quando cerca de 75% da safra já foi colhido. Em aproximadamente 69.170ha, é esperado uma produção de 232.360 toneladas, com um rendimento médio de 3.359kg/ha. Com uma “safra cheia”, espera-se um produção de 49% superior à safra 2015/16. Com safras abundantes em praticamente todo os países, os mercados nacional e internacional acusaram quedas significativas nos preços pagos aos produtores, na região sul o trigo já vêm sendo comercializado abaixo do preço mínimo estabelecido pelo governo federal para a região sul do país, que é de R\$38,65/saca de 60kg.

Trigo Grão – Programa de garantia de preços da agricultura familiar - PGPAF (saca de 60kg)

Estado	Preço de garantia (R\$/saca 60kg)	Preço médio de mercado (R\$/saca 60kg) ⁽¹⁾	Bônus de garantia de preço de novembro (%)
Santa Catarina	42,52	39,11	8,02
Paraná	42,52	34,42	19,05
Rio Grande do Sul	42,52	34,55	18,74
São Paulo	46,78	46,02	1,62
Mato Grosso do Sul	46,78	35,20	24,75

⁽¹⁾ Preço coletado pela Conab.

Fonte: Conab.

Entre 10 de novembro a 9 de dezembro, agricultores familiares produtores de trigo contarão com bônus do Programa de Garantia de Preços para a Agricultura Familiar (PGPAF). A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) calcula, mensalmente, os preços de mercado e o bônus com base nos preços médios do mês anterior nas principais praças de comercialização desses produtos. A diferença percentual entre os dois valores é revertida em desconto na parcela mensal dos financiamentos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). Em Santa Catarina, esse desconto (bônus) será de 8,02%.

Hortaliça

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Eng. Agrônomo - Epaagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

Colheita do alho chega ao final com boas perspectivas para os produtores catarinenses

Os produtores de alho catarinense caminham para o final da colheita dentro da normalidade. As condições climáticas desde o inverno, que fora mais rigoroso, passando pelos diferentes estágios de desenvolvimento da cultura foram de distribuição adequada das chuvas no período do desenvolvimento vegetativo e amenas no período de maturação e colheita, o que não poderia ter sido melhor. O estado deve fechar a safra com produção de alta qualidade, produtividade das melhores dos últimos anos e condições de mercado favoráveis aos produtores.

Santa Catarina é o principal produtor nacional de Alho com aproximadamente 2.400 ha de área plantada na safra 2016/17. O estado deve superar as 20 mil toneladas de produção que serão ofertadas ao mercado nacional nos próximos meses, onde será possível um melhor ajuste sobre a produção total alcançada.

O início da comercialização da safra catarinense chega ao mercado no final da produção ofertada pelo Centro Oeste brasileiro, cuja comercialização está sendo finalizada e de modo mais permanente, concorre com o alho de importação principalmente da China. Embora presentes estas variáveis de mercado, a tendência é de que a comercialização ocorre sem maiores problemas com mercado firme aos produtores catarinenses.

A intensificação da comercialização ocorre a partir de janeiro quando haverá condições de avaliação mais ampla desta importante etapa para a cadeia produtiva da cultura.

Com as condições climáticas foram favoráveis, as tecnologias de produção adequadas com boas perspectivas de mercado, criaram condições bastante favoráveis aos produtores e aos demais componentes da cadeia produtiva. O alho de Santa Catarina que hora vai para o final da colheita é de excelente qualidade, com bulbos bem formados, de túnicas externas brancas e dentes roxos como preferem os principais centros consumidores do produto.

O Brasil apresenta alta dependência das importações de alho para o abastecimento interno. Os principais países fornecedores são a China e Argentina, que juntos representaram 91,5% do total das quantidades importadas em 2015, sendo 59,8% de origem chinesa, e 31,6 % vindo da Argentina. As importações de outros países representaram 8,5% do total, sendo do Chile, Formosa, Espanha, Malásia, Peru e Portugal.

Importação de Alho pelo Brasil – 2012-16

Importação					
	2012	2013	2014	2015	2016 ⁽¹⁾
U\$S (milhões)	187,06	219,67	171,51	176,02	294,73
Toneladas(mil)	157,83	176,74	167,23	161,76	158,83

⁽¹⁾ Janeiro a novembro.

Fonte: MDIC.

Para o ano de 2016, conforme a tabela 01, entre janeiro e novembro deste ano foi importada 158.8 mil ton. Este volume representa um aumento próximo de 7% em relação ao ano anterior, somando o valor de US\$ 241,9 milhões, bem superiores aos custos do ano anterior.

O quadro acima indica cenário de tendência favorável aos produtores catarinenses que deverão ter bons resultados em termos de retorno econômico com a atividade. Sugere-se realizar um pós - colheita, como o preparo do produto para a venda com qualidade, padronização, embalagem, venda organizada e escalonada para que os esforços realizados até o momento transformem-se em sucesso aos produtores.

Os primeiros negócios realizados na região mostram que os preços recebidos pelos produtores estão na faixa de até quatro ou cinco reais acima do esperado para a classe, conforme o preparo e embalagem do mesmo, o que é altamente positivo para a atividade.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Eng. Agrônomo - Epaagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

Boa Safra e Colheita sendo finalizada em SC

A safra 2016/17 da cebola em Santa Catarina apresenta números bastante positivos comparativamente à safra passada, em relação à produção, produtividade e de forma especial na qualidade dos bulbos.

As condições climáticas e o uso de tecnologias pelos agricultores permitiram alcançar resultados extraordinários, elevando a produtividade média nas regiões tradicionais de produção para próximo ou até acima de 30 ton./ha com qualidade reconhecida pelo mercado. Excepcionalmente, alguns produtores alcançaram rendimentos superiores a 50 t/ha.

A colheita ainda encontra-se em pleno andamento com aproximadamente 65 a 70% da produção já colhida e previsão de conclusão prevista para início do mês de janeiro. Em permanecendo as condições de clima atuais com poucas chuvas, o processo de colheita, cura e armazenagem tende a contribuir para a manutenção da boa qualidade do produto a ser ofertado ao consumidor.

Tradicionalmente a produção catarinense é comercializada ao longo do primeiro semestre do ano, comportamento que deve - se repetir nesta safra.

A partir de outubro as importações de cebola reduziram drasticamente em razão da maior oferta interna e da queda dos preços como pode ser visto na tabela abaixo.

Importação de cebola pelo Brasil de 2013-16

	Importação			
	2013	2014	2015	2016 ⁽¹⁾
Toneladas (mil)	108,34	40,42	90,33	58,65
US\$ (milhões)	266,87	150,59	270,32	174,13

⁽¹⁾ Janeiro a Outubro.

Fonte: MDIC – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio.

No mês de novembro o preço pago aos produtores catarinenses oscilou entre R\$0,75 a R\$0,80/kg para bulbos da classe 3. A conjuntura da comercialização para o início de dezembro apresenta oferta abundante de produto e ritmo de negócios ainda lento

A cebola catarinense desta safra apresenta boa qualidade e com isso deve chegar ao mercado com preço levemente superior ao de outras regiões tradicionais de produção, embora os custos de logística, especialmente transporte encareça o produto em mercados mais distantes de nosso estado.

As perspectivas de preço aos produtores catarinenses para os próximos meses será reflexo do volume da oferta que, a princípio será abundante e por outro lado, da estratégia adotada pelos agricultores em termos de comercialização. Desta forma os elementos de análise são insuficientes e limitados para uma avaliação mais segura sobre o possível comportamento do mercado da cebola.

Neste sentido, o produtor deve estar atento à dinâmica diária ou mesmo semanal do mercado de forma a “administrar” a comercialização escalonadamente visto que o estado é ofertante do produto em volume significativo nesta safra.

Em relação a preço, como registramos acima, ainda é prematuro uma avaliação mais definitiva e apropriada da conjuntura de mercado, mas o início da safra apresentou preços acima do custo de produção para lavouras de boa tecnologia e produtividade, porém na última semana esse preço não tem se sustentado, chegando ao patamar de R\$0,65/Kg.

Em recente reunião da Câmara Setorial da Cebola do Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural (Cederural), realizada no dia 17 de novembro na cidade de Ituporanga, onde houve significativa participação e representatividade de membros do setor ceboleiro catarinense. Na ocasião ficaram claras as preocupações com importação de cebola holandesa e espanhola que cresceu muito nos últimos dois anos e por outro lado à necessidade de alteração no modelo de classificação e padronização do produto no mercado brasileiro. Assim, foram definidas medidas e ações políticas para serem levadas à Brasília junto ao Ministério da Agricultura, Ministério das Relações Exteriores e Parlamento Federal visando o encaminhamento de medidas antidumping que protejam a cadeia produtiva de concorrência predatória e de mudanças na legislação de classificação (Portaria 529 do MAPA).

Os comerciantes através da ACCESC – Associação dos Comerciantes de Cebola do Estado de Santa Catarina apresentaram uma proposta de alteração na classificação de cebola com a subdivisão da Classe 3 (atualmente cebolas de diâmetro entre 50 e 70 mm) com a possibilidade de ampliar o tamanho tendo uma classe comporte cebolas com até 80 mm. A justificativa apresentada é que este é um padrão adotado por outros países e permitiria atender melhor as necessidades do comércio e dos consumidores. O tema será discutido pela associação dos produtores e técnicos, e posteriormente encaminhada como sugestão de alteração da Portaria 529 do MAPA, que atualmente regulamenta a padronização da cebola para comércio no Brasil e MERCOSUL. Também foram apresentados os relatos de viagem dos técnicos da pesquisa e extensão rural da Epagri à Argentina e Espanha, países de tradição na produção da cultura da cebola.

O debate fora bastante harmonioso e norteador sobre os desafios da cadeia produtiva à montante e à jusante do processo de produção propriamente dito, estabelecendo diálogo amplo e transversal envolvendo todos os diretamente interessados. Houve acordo na necessidade de continuar o debate para que o conjunto de atores, entes e Instituições, como a pesquisa e extensão rural da Epagri, as Associações dos Produtores e dos Comerciantes de cebola, as cooperativas, sindicatos, agentes financeiros, dentre outros, cada qual no seu papel, contribuam para o crescimento e fortalecimento da produção de cebola em Santa Catarina.

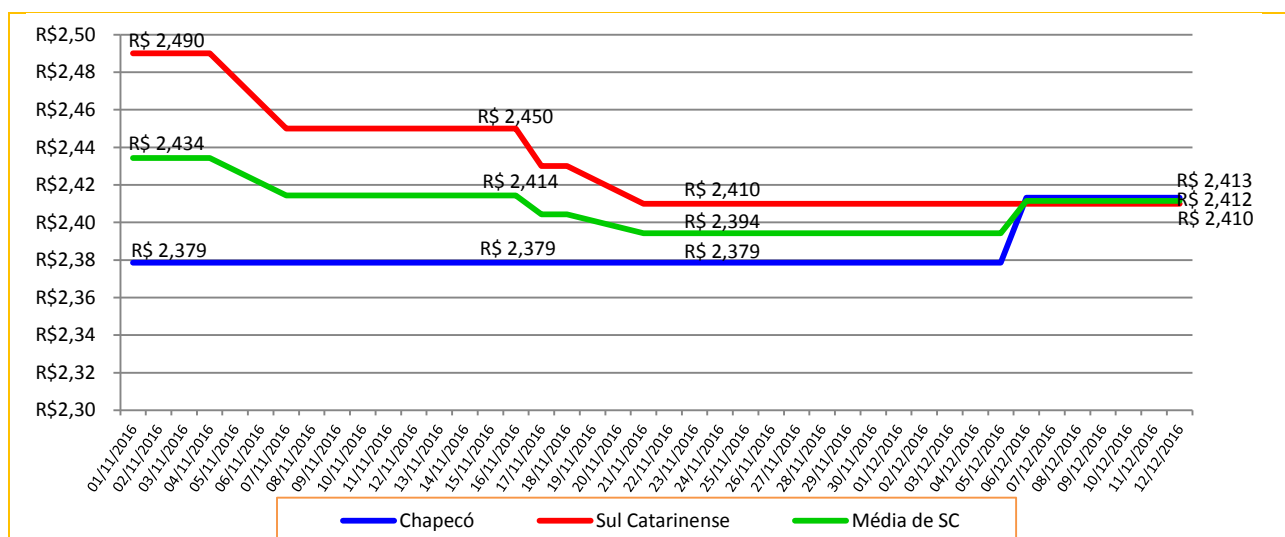
Como sequencia dos encaminhamentos, no dia 23 de novembro aconteceu em Brasília a reunião da Câmara de Hortaliças com a participação de representação da câmara estadual da cebola e representantes dos produtores. Na ocasião foi apresentado relato da situação atual da produção de cebola no Brasil e os impactos negativos da importação desordenada de cebola holandesa e espanhola nas principais regiões produtoras da hortaliça, notadamente no sul do Brasil. Novo relato técnico deverá ser apresentado ao Ministério com os impactos financeiros e sociais visando à inclusão da cebola na LETEC, lista de produtos que são taxados com impostos ao adentrarem o país.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre giehl@epagri.sc.gov.br

Nas últimas seis semanas o preço do frango vivo teve comportamento distinto nas duas praças de Santa Catarina em que a Epagri/Cepa realiza a coleta de informações desse produto. Em Chapecó o preço do frango no início de novembro (R\$2,379/kg) manteve-se inalterado durante todo o mês e na primeira semana de dezembro. No início da segunda semana registrou-se variação de 1,45%. No Sul Catarinense, por outro lado, novembro foi marcado por diversas oscilações negativas, dando continuidade ao movimento de queda que já havia se iniciado em meados de outubro. A variação total no período (1º de novembro a 12 de dezembro) foi de -3,21%, fazendo com que o preço daquela região se equiparasse ao de Chapecó, fato que não ocorria desde junho.



⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

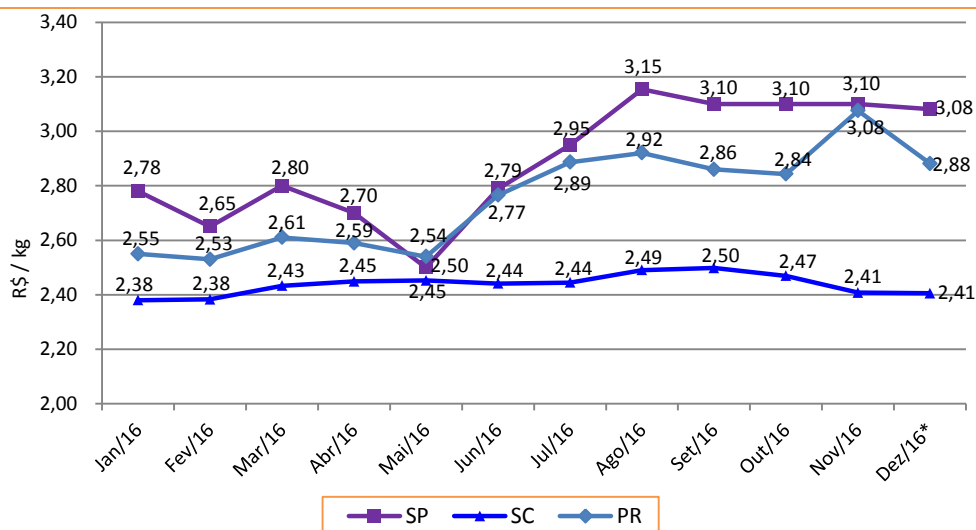
Fonte: Epagri/Cepa.

Frango vivo – Preço médio nominal⁽¹⁾ diário para avicultores de duas regiões de Santa Catarina e média estadual – 1º/nov. a 12/dez./2016

No Paraná, principal produtor de frangos do país, foram registradas variações de preços relativamente abruptas nos últimos dois meses. Inicialmente verificou-se um aumento de 8,18% no preço médio de novembro em relação à outubro. Contudo, em dezembro os preços voltaram a cair. A média preliminar das duas primeiras semanas deste mês aponta queda de 6,32%. Em relação a janeiro deste ano, o preço de dezembro ainda é 12,99% superior. Na comparação com o mesmo mês de 2015, o valor atual é 7,51% maior.

Em São Paulo, por sua vez, após mais de 3 meses de preços estagnados em R\$3,10/kg, em meados de dezembro observou-se um movimento de queda que fez o preço diário chegar a R\$3,00/kg na data de fechamento deste artigo (12/dezembro). O valor médio nessa data era 0,60% inferior ao mês anterior (contudo, é esperado que até o final de dezembro esse percentual aumente). Em relação a janeiro, o valor é atual é 10,84% maior. Mas quando se faz a comparação com dezembro de 2015, a diferença é de -0,28%.

Conforme já detalhado anteriormente, os preços apresentaram comportamentos distintos nas duas praças de coleta em Santa Catarina. Com isso, a variação média estadual até o momento é de -0,11%, em relação a



(*) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

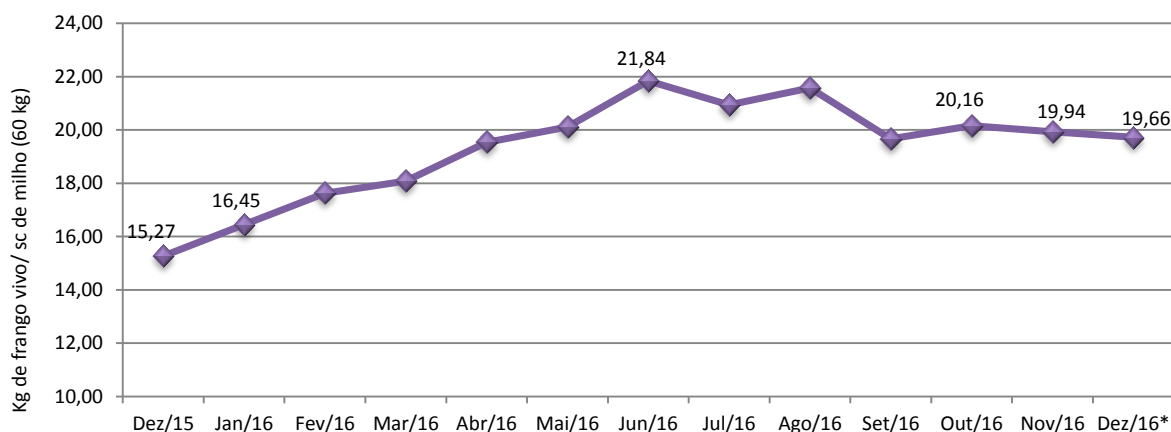
*Os dados para o mês de dezembro são parciais, referentes ao período de 1º a 12/dez./16.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

Frango vivo – Preço médio nominal^(*) mensal para avicultores em Santa Catarina, São Paulo e Paraná – Jan. a Dez./16

novembro. Na comparação com janeiro, percebe-se uma variação positiva de 1,05%, valor que passa para 11,03% quando se utiliza como referência dezembro de 2015. Assim, embora tenha preços bastante estáveis ao longo deste ano, Santa Catarina registra a maior variação percentual entre dezembro/2015 e dezembro/2016.

Após um primeiro semestre de sucessivos crescimentos, a relação de troca insumo/produto passou a apresentar um comportamento mais estável no segundo semestre, inclusive com algumas quedas. O valor preliminar de dezembro aponta nova queda em relação ao mês anterior, de 1,46%.



*Os dados do mês de dezembro são parciais, relativos ao período de 1º a 12/dez./16.

Para cálculo da relação de troca insumo/produto, utiliza-se como referência o preço médio estadual do frango vivo e o preço de atacado do milho na praça de Chapecó, SC.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade de frango vivo necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2015/16

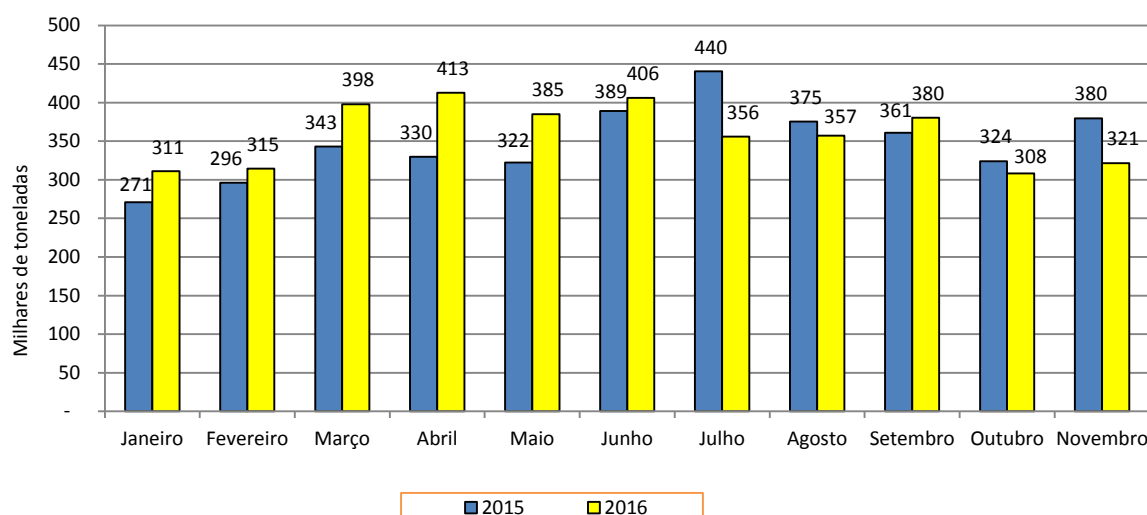
Apesar dessas quedas, o valor atual ainda é 19,43% acima do registrado em janeiro deste ano e 28,65% superior a dezembro de 2015. O que manteve o movimento de queda dos meses anteriores em dezembro foi a redução no preço do milho (-1,56% até o fechamento deste artigo), já que o preço médio estadual do frango também sofreu variação negativa.

Embora o milho ainda apresente valor bastante elevado (42,84% acima do preço de atacado praticado em Chapecó em dezembro de 2015), nas últimas semanas vem sendo observadas pequenas e sucessivas quedas nos preços. Esse movimento é decorrente, dentre outras coisas, de oscilações negativas no preço do grão no mercado internacional, principalmente na Bolsa de Chicago. Além disso, no Brasil as condições climáticas têm se mostrado favoráveis e existe expectativa de uma grande safra, ampliando significativamente a oferta de milho a partir do início do próximo ano. Da mesma forma, há expectativas favoráveis em relação à safra da Argentina e do Paraguai, potenciais fornecedores de milho para o Brasil.

O 3º Relatório de Acompanhamento de Safra 2016/17, publicado pela Conab, revisou levemente para baixo a estimativa de produção de milho na 1ª safra, que passou de 27,81 milhões de toneladas para 27,74 milhões (-0,25%). Ainda assim, esse montante é 7,3% superior à safra passada. Já em relação à 2ª safra (safrinha) não houve alterações na estimativa, que se manteve em 56,08 milhões de toneladas, o que representa um incremento de 37,7% em relação à safrinha anterior. As perspectivas de ampliação na produção devem-se aos bons níveis de preço que antecederam o plantio, tornando a cultura competitiva e estimulando o aumento da área plantada, bem como às condições climáticas até o momento favoráveis ou pouco restritivas na maioria das situações.

Em relação às exportações de frango, o mês de novembro novamente não foi muito favorável ao setor. Conforme demonstram os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, no mês passado o País exportou 321,5 mil toneladas, o que representa um aumento de 4,35% em relação ao mês anterior, mas queda de 15,33% na comparação com novembro/2015. De acordo com a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), esse cenário é decorrente da desaceleração da produção brasileira, em função da “crise de insumos” vivida durante este ano.

No acumulado do ano já foram exportadas 3,95 milhões de toneladas, incremento de 3,07% em relação ao mesmo período do ano anterior. Em termos de receita, até o momento atingiu-se o montante de US\$ 6,19 bilhões exportados (queda de 4,36% em relação a 2015).

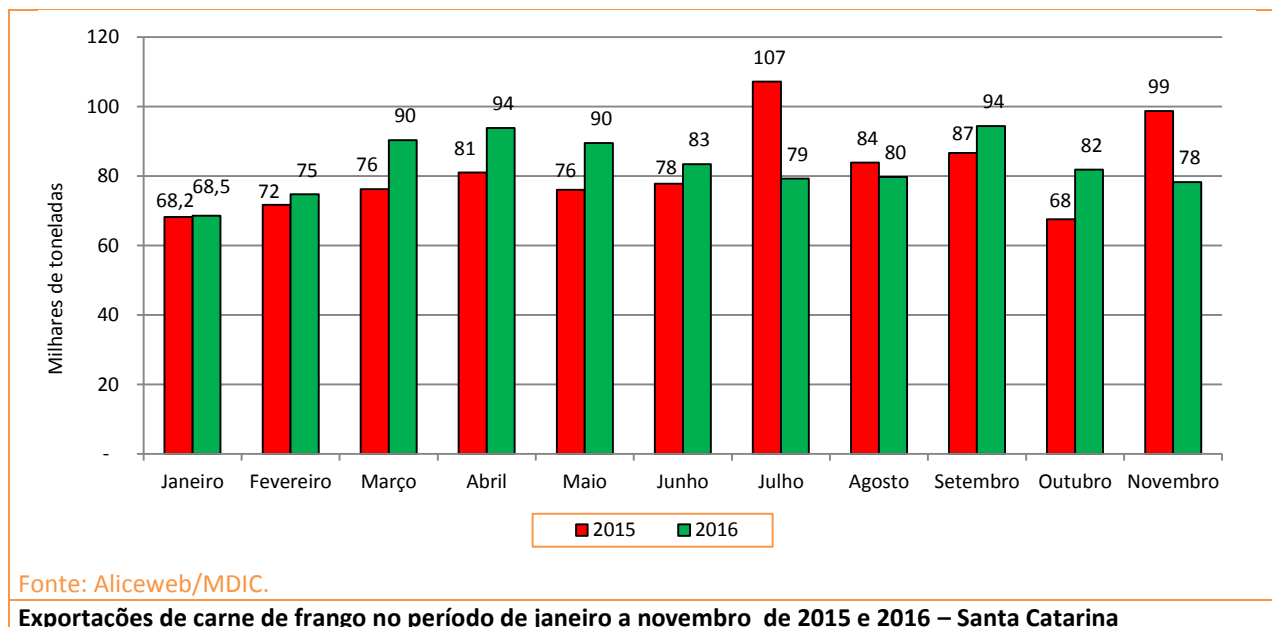


Fonte: Aliceweb/MDIC.

Exportações de carne de frango no período de janeiro a novembro de 2015 e 2016 – Brasil

Em relação a Santa Catarina, os dados demonstram que também houve queda nas exportações de novembro, na comparação com o mesmo mês de 2015. No mês passado Santa Catarina exportou 78,2 mil toneladas, 4,35% a menos que outubro e 12,81% abaixo do exportado em novembro/2015.

Contudo, no acumulado do ano as exportações catarinenses somam 913,5 mil toneladas, aumento de 2,12% em relação ao mesmo período do ano anterior. Em termos de receita, de janeiro a novembro o Estado exportou US\$1,55 bilhão em carne de frango, uma queda de 5,42% quando comparado ao ano anterior.



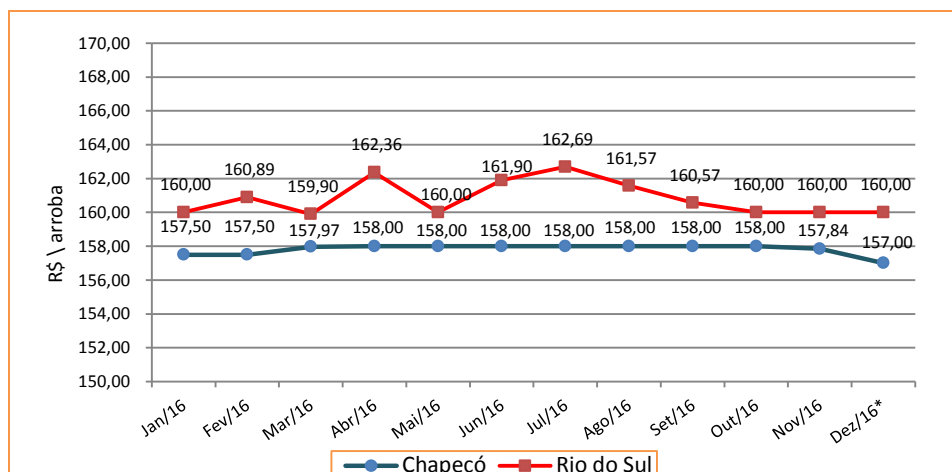
Além da redução do ritmo das exportações, outro aspecto desfavorável para a avicultura brasileira nos últimos meses é a elevação no custo de produção do frango. Segundo a Central de Inteligência de Aves e Suínos da Embrapa, o Índice de Custo de Produção do Frango (ICPFrango) apresentou aumento de 0,1% em outubro. Embora o índice seja pequeno, ele interrompe uma sequência de quedas consecutivas que havia se iniciado em junho. Apesar das baixas anteriores, no ano o índice ainda apresenta variação positiva de 6,39% (até outubro), principalmente em função do aumento do custo de alimentação dos animais.

De forma geral, o mercado do frango vivo segue estável em todo o país, principalmente em função do consumo que se mantém retraído. Contudo, em função dos ajustes realizados pela indústria, reduzindo os volumes de abate e, consequentemente, a oferta desse tipo de carne, nos últimos meses já se observam aumentos no preço de atacado do frango.

Não obstante tal situação, recentemente o Rabobank divulgou relatório no qual avalia que as margens da indústria devem melhorar efetivamente somente no 4º trimestre de 2017. O Rabobank aponta ainda que o mercado global de carne de frango pode ser afetado no próximo ano por novos casos de Influenza Aviária registrados na Ásia, África e Europa. Para o Brasil, no entanto, essa situação pode se demonstrar vantajosa, tendo em vista a ausência dessa doença no País.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandrejiehl@epagri.sc.gov.br



(1) Para pagamento em 20 dias.

(*) Os dados do mês de dezembro são parciais, relativos ao período de 1ª a 12/dez./2016.

Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução do preço médio mensal do boi gordo⁽¹⁾ nas praças de Chapecó e Rio do Sul – 2016

diferença é de 2,56%.

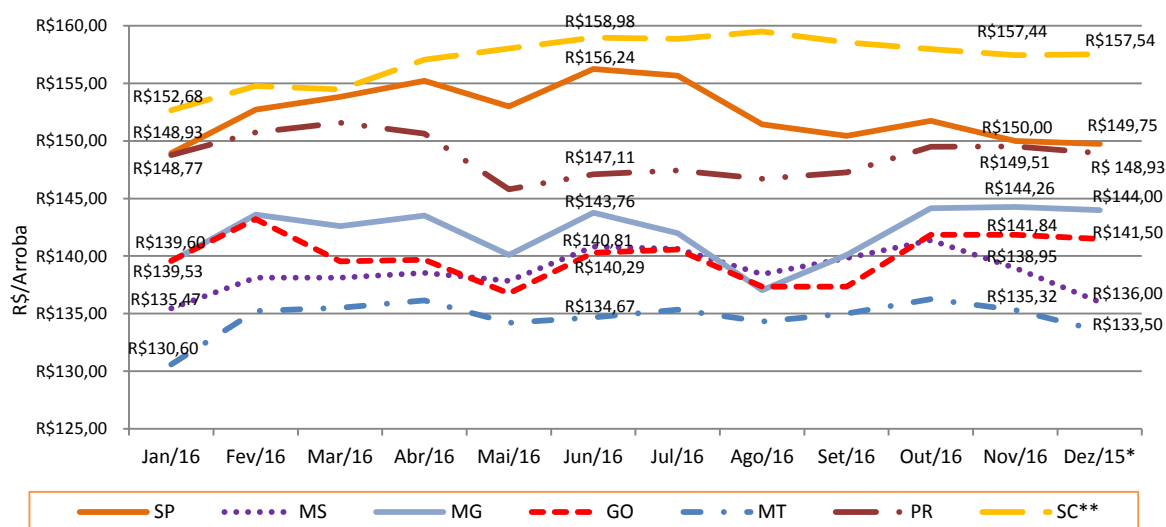
Já em Chapecó, onde os preços estavam inalterados desde a segunda semana de março, observou-se novamente variação nos últimos dias de novembro, fazendo com que a média daquele mês tivesse pequena oscilação em relação ao mês anterior (-0,1%). O novo preço manteve-se nas duas primeiras semanas de dezembro, resultando numa média preliminar 0,5% inferior a novembro. O preço atual também é 0,32% menor que aquele recebido em janeiro deste ano e em dezembro de 2015.

No cenário nacional, o mês de dezembro tem registrado quedas de preços em praticamente todas as unidades da federação analisadas neste boletim. Dos sete estados, seis apresentavam variações negativas no momento do fechamento desta edição, com média geral de -0,60%. Somente Santa Catarina apresentava variação positiva, embora bastante reduzida (0,06%).

O estado com a maior alteração no preço de dezembro da arroba do boi gordo é Mato Grosso do Sul (-2,12%), seguido por Mato Grosso (-1,34%), Paraná (-0,39%), Goiás (-0,24%), Minas Gerais (-0,18%), São Paulo (-0,17%) e, por fim, Santa Catarina (0,06%).

Em função da proximidade das festas de final de ano, período em que normalmente aumenta o consumo de carne bovina, havia a expectativa de maior procura dos frigoríficos por animais prontos para o abate e, com isso, aumento nos preços pagos ao produtor. Contudo, a demanda no mercado interno continua desaquecida em função das preocupações do consumidor quanto à economia no próximo ano, o que tem restringido variação muito significativas.

Ao comparar os preços médios preliminares de dezembro com aqueles praticados em janeiro do corrente ano, percebe-se que em todos os estados analisados existe variação positiva, embora pouco expressiva em alguns casos. A maior variação é observada em Minas Gerais (3,20%), seguida de perto por Santa Catarina (3,18%). Em seguida encontra-se Mato Grosso (2,22%), Goiás (1,36%), São Paulo (0,55%) e Mato Grosso do Sul (0,39%). Por último, com um aumento de apenas 0,10% em relação à janeiro, está o Paraná. Na média dos sete estados, a variação foi de 1,57%.



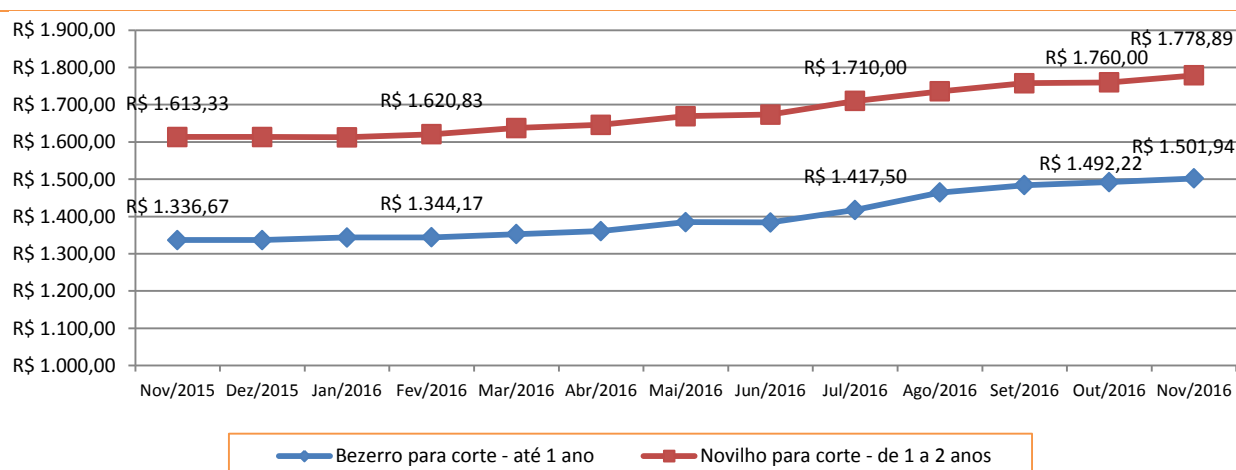
* Os dados do mês de dezembro são parciais, relativos ao período de 1º a 12/dez./2016.

Fonte: Epagri/Cepa⁽¹⁾; Cepea⁽²⁾; DERAL/SEAB⁽³⁾ (2016).

Evolução dos preços da arroba de boi gordo em SC⁽¹⁾, SP⁽²⁾, MG⁽²⁾, GO⁽²⁾, MT⁽²⁾ e PR⁽³⁾ – 2016

No que diz respeito ao atacado, há também um cenário de pouca variação nos preços, decorrente do consumo enfraquecido. Conforme apontam os dados da Epagri/Cepa, o preço dos cortes dianteiros no mercado atacadista da região de Chapecó registra alta de 0,17% nas duas semanas iniciais de dezembro quando comparado ao mês anterior. Os cortes traseiros registram menor ainda, de apenas 0,11%.

Não obstante o cenário desfavorável para o boi gordo, o mercado de animais de reposição continua apresentando variações positivas nos preços, como vem ocorrendo ao longo de praticamente todo o ano.



Fonte: Epagri/Cepa.

Evolução dos preços de bezerro e novilho para corte em SC – Preço médio estadual – 2015 e 2016

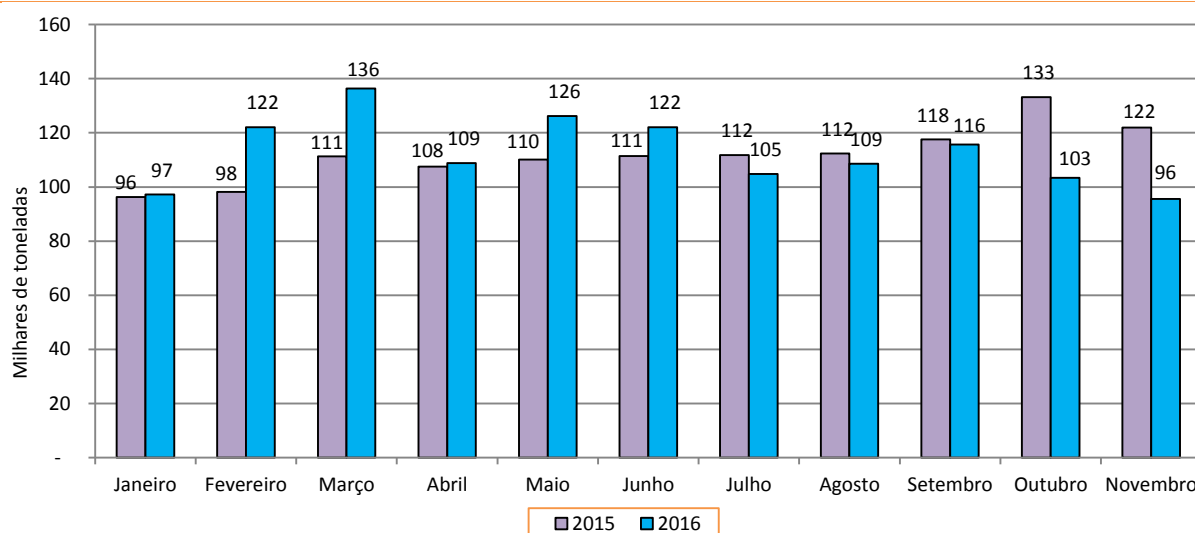
Em relação aos preços médios praticados em outubro deste ano, os valores de novembro são 0,65% e 1,07% superiores para o caso do bezerro de até 1 ano e do novilho de 1 a 2 anos respectivamente. Quando se faz a comparação entre novembro de 2016 e o mesmo mês de 2015, verifica-se variação positiva de

12,36% no preço do bezerro e de 10,26% no do novilho. No mesmo período, o preço médio estadual da arroba do boi gordo sofreu variação de apenas 4,13%.

Essa tendência de crescimento dos preços dos animais de reposição também é observada em diversos outros estados, principalmente em função das condições climáticas favoráveis, que indicam uma boa oferta de pastagens nos próximos meses. A demanda só não é maior em função das perspectivas pouco otimistas em relação à economia e o efeito disso sobre a demanda de carne bovina.

Já em relação às exportações, após a queda de outubro, novembro registrou novamente índices negativos. De acordo com dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em novembro o Brasil exportou 409,42 mil toneladas de carne bovina, o que representa redução de 7,62% em relação ao mês anterior. Na comparação com o mesmo mês de 2015, registra-se queda mais significativa de 21,7%. Ainda assim, os números de 2016 permanecem positivos: de janeiro a novembro foram exportadas 1,24 milhão de toneladas, incremento de 0,71% na comparação com igual período de 2015.

Já em relação às receitas, até final de novembro o País havia exportado US\$4,90 bilhões em carne bovina, valor que está 7,07% abaixo daquele registrado para o mesmo período do ano anterior. O valor médio da tonelada exportada em 2016 (US\$3.949,52) ainda está abaixo do patamar médio de 2015 (US\$4.256,74), não obstante o fato de que em novembro se atingiu o valor US\$4.286,33/tonelada.



Fonte: Aliceweb/MDIC.

Exportações de carne bovina no período de janeiro a novembro de 2015 e 2016 – Brasil

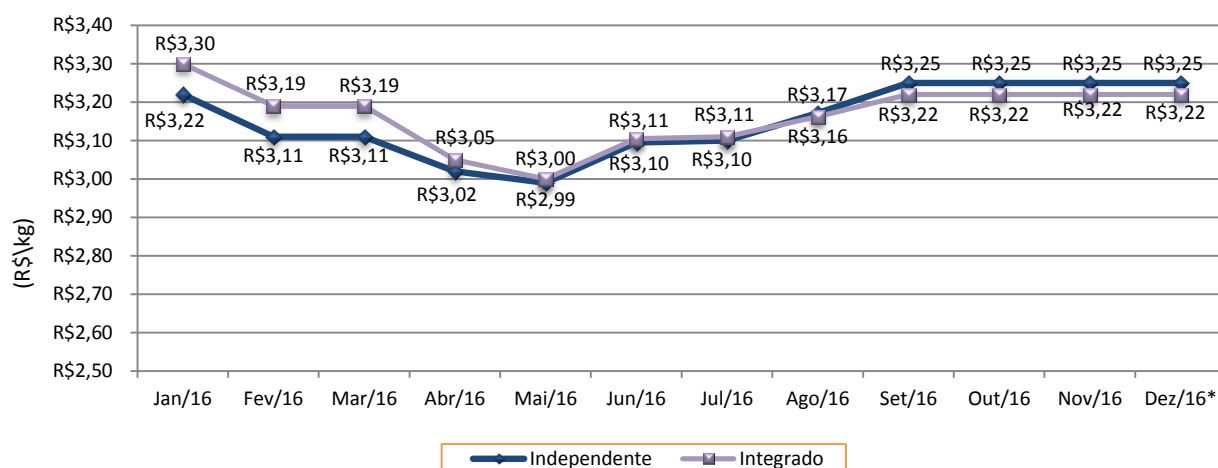
Diversos analistas apontam que, para que os preços pagos ao produtor fiquem estáveis em 2017, é necessário que as exportações se mantenham em alta, uma vez que há poucas expectativas de recuperação significativa no consumo no próximo ano.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandre giehl@epagri.sc.gov.br

Pelo terceiro mês seguido os preços do suíno vivo na praça de Chapecó se mantêm inalterados em relação ao mês anterior. Levando-se em consideração que os atuais valores de R\$3,25 e R\$3,22/kg de peso vivo para o produtor independente e para o integrado, respectivamente, começaram a ser praticados no início da 2ª quinzena de agosto, verifica-se que os preços permanecem os mesmos há praticamente 4 meses.

A comparação entre as médias preliminares de dezembro com o mesmo mês de 2015, demonstra que no período houve uma variação de -7,41% para o produtor independente e de -6,40% para o integrado (variação média de -6,91%). Em relação a janeiro deste ano, o preço ao produtor independente teve um pequeno aumento de 0,93%, enquanto para o integrado registrou-se queda de -2,42%.



* Os dados do mês de dezembro são parciais, relativos ao período de 1º a 12/dez./2016.

Fonte: Epagri/Cepa.

Suíno vivo – Preço médio mensal para produtor independente e integrado na praça de Chapecó, SC – 2016

A tabela a seguir apresenta os preços médios recebidos pelos suinocultores nos principais estados produtores no período de janeiro a dezembro deste ano. Como é possível verificar, os preços médios preliminares de dezembro registram altas na maioria dos estados.

Suíno vivo – Evolução do preço pago nos principais estados produtores – 2016

Estado													(R\$/kg)	
	Jan./2016	Fev./2016	Mar./2016	Abr./2016	Mai./2016	Jun./2016	Jul./2016	Ago./2016	Set./2016	Out./2016	Nov./2016	Dez./2016 ⁽¹⁾	Variação nov./dez.	Variação jan./dez.
Minas Gerais	4,17	3,55	3,47	3,36	3,37	4,39	3,97	4,43	4,16	4,16	4,21	4,50	6,76%	7,82%
Paraná	3,33	2,94	2,94	2,75	2,82	3,58	3,22	3,68	3,60	3,67	3,67	3,93	5,68%	17,98%
Rio G. do Sul	3,27	2,92	2,96	2,81	2,83	3,26	3,05	3,40	3,39	3,39	3,39	3,48	2,00%	6,27%
Santa Catarina ⁽²⁾	3,26	3,15	3,15	3,04	3,00	3,10	3,11	3,17	3,24	3,24	3,24	3,24	0,00%	-0,77%
São Paulo	3,86	3,18	3,37	3,10	3,25	4,03	3,49	4,26	4,00	4,03	4,03	4,36	7,30%	12,99%

⁽¹⁾ Os dados do mês de dezembro são parciais, relativos ao período de 1º a 12/dez./2016.

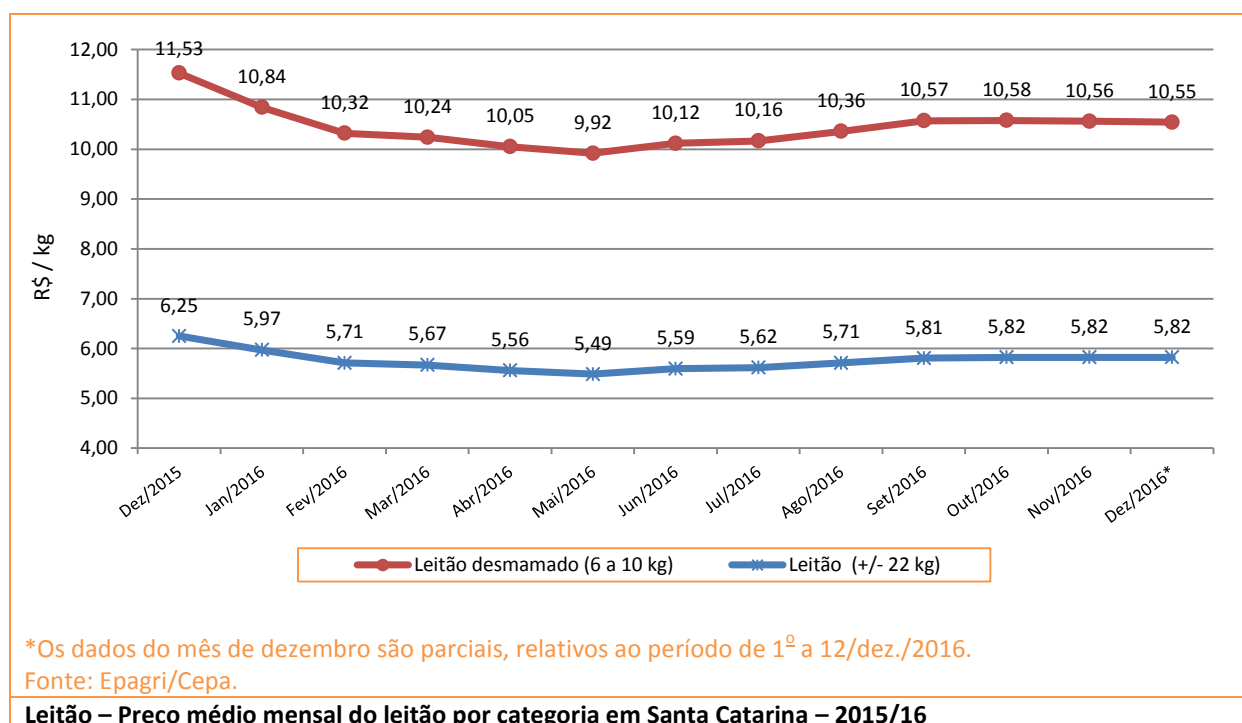
⁽²⁾ No caso de SC, utilizou-se como referência a praça de Chapecó. Os valores representam a média entre produtores integrados e independentes.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

A maior variação é observada em São Paulo, que até o momento registra aumento de 7,30%, seguido por Minas Gerais (6,76%), Paraná (5,68%) e Rio Grande do Sul (2,00%). Santa Catarina mais uma vez não registra variação de preço. A variação média dos cinco estados analisados foi de 4,35%, uma das maiores dos últimos quatro meses.

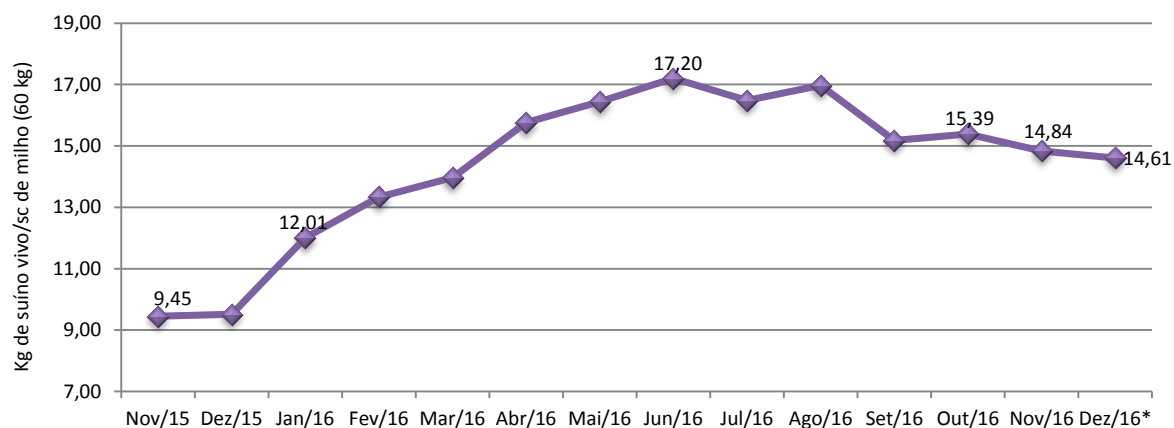
Na comparação com os preços de janeiro, a variação média é de 8,86%. O estado que registrou a maior variação no período foi o Paraná, cujo preço preliminar de dezembro é 17,98% superior ao início do ano. Santa Catarina é o único entre os cinco estados que apresentou queda no período, com variação de -0,77%.

O preço dos leitões também apresenta grande estabilidade na primeira quinzena de dezembro, situação que vem ocorrendo desde o mês de setembro. Em relação a novembro, as médias preliminares de dezembro variaram somente -0,16% para os leitões de 6 a 10kg e 0,03% no caso dos leitões de +/-22kg. Na comparação com dezembro de 2015, os atuais valores atuais apresentam defasagens de 8,52% para os leitões de 6 a 10kg e 6,82% para os leitões de +/-22kg. Quando se toma como referência o mês de janeiro, as defasagens diminuem para 2,71% e 2,45% para os leitões de 6 a 10kg e de +/-22kg respectivamente.



Em dezembro a relação de troca insumo/produto registra nova redução, a qual atinge -1,56% até o momento. Na comparação com janeiro deste ano, o valor atual do indicador é 21,62% superior. Em relação a dezembro de 2015, a diferença é de 53,43%.

Mais uma vez o principal fator responsável por esse resultado é o preço do milho, que vem apresentando movimento de queda. Embora o milho ainda apresente valor bastante elevado (42,84% acima do preço praticado em dezembro de 2015), nas últimas semanas vem sendo observadas pequenas e sucessivas quedas nos preços. Esse movimento é decorrente, dentre outras coisas, de oscilações negativas no preço do grão no mercado internacional, principalmente na Bolsa de Chicago. Além disso, no Brasil as condições climáticas têm se mostrado favoráveis e existe expectativa de uma grande safra, ampliando significativamente a oferta de milho a partir do início do próximo ano. Da mesma forma, há expectativas favoráveis em relação à safra da Argentina e do Paraguai, potenciais fornecedores de milho para o Brasil.



*Os dados do mês de dezembro são parciais, relativos ao período de 1ª a 12/dez./2016.

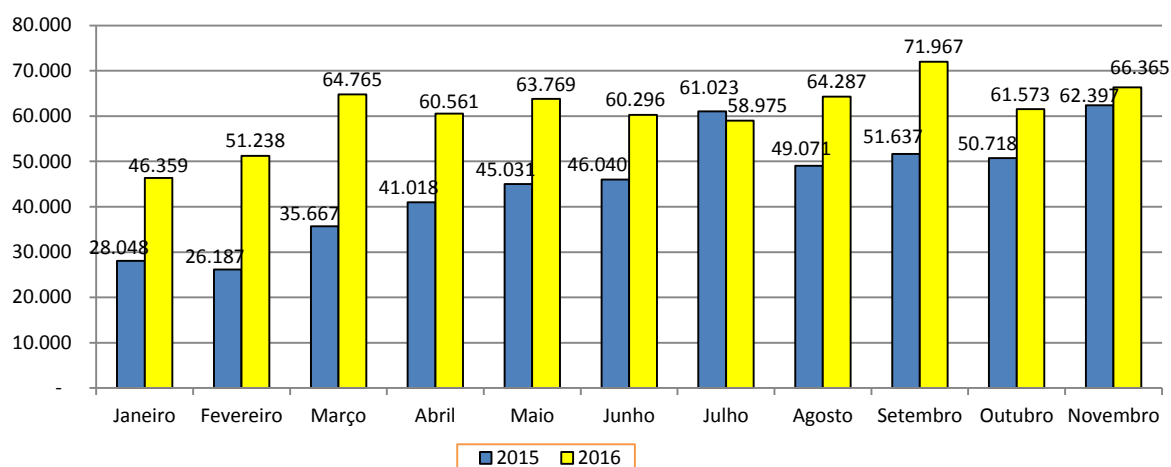
Para o cálculo da relação de troca insumo/produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. Já para o milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir um saco de milho (60kg) – Praça de Chapecó, SC – 2015/16

O 3º Relatório de Acompanhamento de Safra 2016/17, publicado pela Conab, revisou levemente para baixo a estimativa de produção de milho na 1ª safra, que passou de 27,81 milhões de toneladas para 27,74 milhões (-0,25%). Ainda assim, esse montante é 7,3% superior à safra passada. Já em relação à 2ª safra (safrinha) não houve alterações na estimativa, que se manteve em 56,08 milhões de toneladas, o que representa um incremento de 37,7% em relação à safrinha anterior. As perspectivas de ampliação na produção devem-se aos bons níveis de preço que antecederam o plantio, tornando a cultura competitiva e estimulando o aumento da área plantada, bem como às condições climáticas até o momento favoráveis ou pouco restritivas na maioria das situações.

As exportações seguem registrando números positivos. Conforme dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, em novembro foram exportadas 66,36 mil toneladas de carne suína, montante que representa incremento de 7,78% em relação ao mês anterior e de 6,36% em relação ao mesmo mês de 2015. No acumulado do ano foram exportadas 670,16 mil toneladas de carne suína, aumento de 34,88% em relação ao mesmo período de 2015.



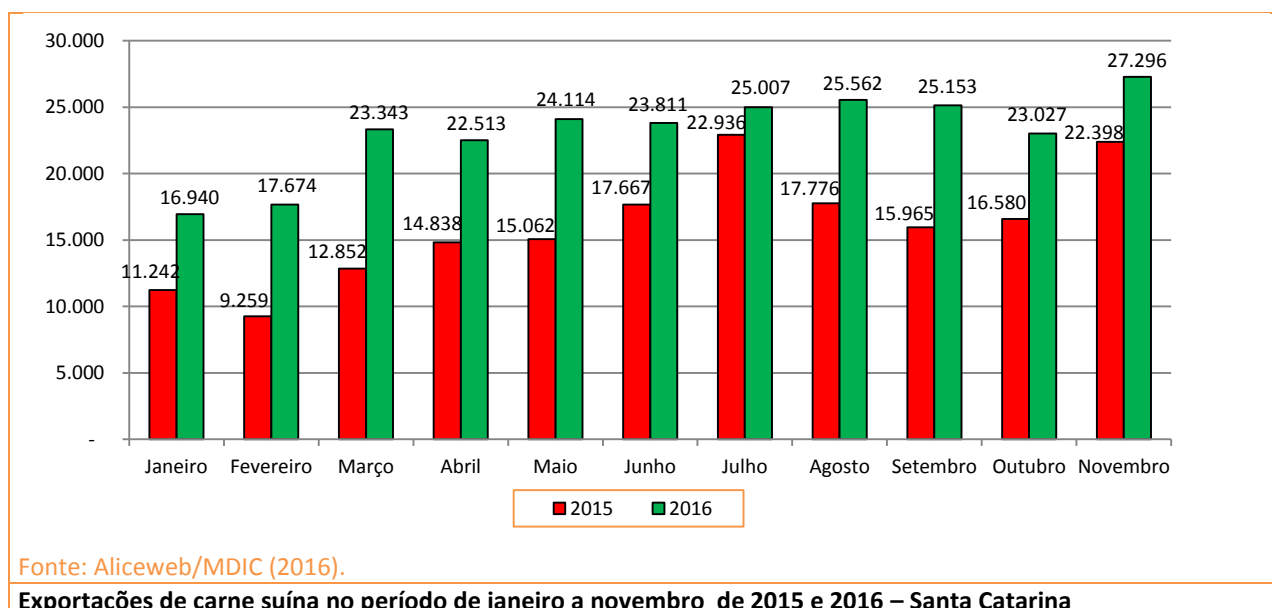
Fonte: Aliceweb/MDIC (2016).

Exportações de carne suína no período de janeiro a novembro de 2015 e 2016 – Brasil

Em termos de receitas, os números também são favoráveis. Em novembro o País exportou US\$165,85 milhões, 13,09% a mais que o mês anterior e 26,52% acima do montante exportado no mesmo mês de 2015. O valor exportado de janeiro a novembro de 2016 foi de US\$1,36 bilhão, o que representa incremento de 15,12% na comparação com o igual período do ano anterior.

Santa Catarina respondeu por 37,97% (254,4 mil toneladas) do total de carne suína exportada pelo País de janeiro a novembro. Em relação ao mesmo período de 2015, o montante exportado pelo Estado representa um incremento de 44,10%.

Em novembro as exportações catarinenses de carne suína atingiram 27,3 mil toneladas, um aumento de 18,54% em relação a outubro e de 21,87% quando se toma por referência novembro de 2015. Quanto aos valores, no acumulado do ano Santa Catarina exportou US\$513,21 milhões, aumento de 23,92% em relação ao mesmo período do ano anterior.



Exportações de carne suína no período de janeiro a novembro de 2015 e 2016 – Santa Catarina

Não obstante o cenário negativo ao longo do ano, os últimos meses têm apresentado algumas melhorias em termos de custos de produção de suínos. Exemplo disso é o anúncio de que o Índice de Custo de Produção de Suínos (ICPSuínos), elaborado pela Central de Inteligência de Aves e Suínos da Embrapa, apresentou queda de 1,8% em outubro, na comparação com setembro. Esse índice vem apresentando quedas desde junho. Contudo, no acumulado do ano o aumento ainda é de 12,9%.

Quanto ao mercado atacadista, após dois meses de estagnação, observa-se novamente aumento nos preços da carne suína nesse segmento. O preço preliminar da carcaça suína na praça de Chapecó (referente ao período de 1º a 12 de dezembro), de acordo com dados da Epagri/Cepa, sofreu elevação de 2,37%, atingindo R\$6,76/kg. Esse valor representa um aumento de 3,94% em relação ao preço praticado em dezembro de 2015 e de 7,24% na comparação com janeiro deste ano.

Essa variação é decorrente do aumento da demanda de carne suína, típica desse período do ano. Contudo, esse movimento sazonal, que costuma iniciar ainda em novembro, este ano aparentemente foi postergado para dezembro, principalmente em função da situação econômica do país. Em meados de novembro o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) publicou relatório em que apontava que o pernil suíno no atacado de São Paulo estava sendo negociado no seu menor preço dos últimos três anos, contrariando a tendência de valorização com ampliação da demanda nas festas de fim de ano. Não obstante tal cenário, a expectativa do Cepea e das agroindústrias do setor era de aumento nos preços de atacada da carne suína nas semanas seguintes, o que vem se confirmando.

Leite

Tabajara Marcondes
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa

No que diz respeito especificamente a oferta, demanda e a preços na atividade leiteira, em resumo pode-se dizer que 2016 foi caracterizado por redução da oferta nacional; ampliação do déficit na balança comercial de lácteos; provável redução da demanda; e grande oscilação/aumento real nos preços dos lácteos e aos produtores.

Relativamente a oferta, destaca-se que os dados disponíveis da Pesquisa Trimestral do Leite (IBGE) indicam que depois de muitos anos de crescimento continuado 2016 deverá repetir o que já ocorreu em 2015, e fechar com um novo decréscimo na produção nacional destinada às indústrias inspecionadas. A base dessa expectativa é a comparação entre os números dos primeiros semestres de 2015 e de 2016, que mostram redução de 6,4% na quantidade de leite adquirida pelas indústrias brasileiras inspecionadas, decréscimo bem superior aos 1,7% do primeiro semestre de 2014 para 2015. Mesmo que houvesse reversão nesse comportamento no transcorrer do segundo semestre é improvável que isso seria suficiente para que o decréscimo na produção nacional destinada às indústrias inspecionadas de 2015 para 2016 não fosse até bem acima do decréscimo de 2,8% observado de 2014 para 2015.

Leite - Quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas - 2014 a 2016

UF	(Bilhão de litros)					Variação (%)		
	Ano		1º semestre			2014-15	1º semestre	
	2014	2015	2014	2015	2016		2014-15	2015-16
MG	6,590	6,442	3,294	3,192	2,969	-2,2	-3,1	-7,0
RS	3,431	3,488	1,632	1,663	1,517	1,7	1,9	-8,7
PR	2,972	2,838	1,399	1,380	1,277	-4,5	-1,4	-7,5
SP	2,525	2,607	1,223	1,232	1,197	3,3	0,7	-2,8
SC	2,340	2,348	1,024	1,110	1,106	0,4	8,4	-0,4
GO	2,685	2,450	1,320	1,228	1,094	-8,8	-7,0	-10,9
RO	0,760	0,699	0,373	0,351	0,349	-8,0	-5,9	-0,4
MT	0,618	0,548	0,318	0,283	0,274	-11,3	-10,7	-3,3
RJ	0,512	0,540	0,259	0,264	0,269	5,5	2,2	1,6
BA	0,364	0,332	0,189	0,176	0,149	-8,6	-6,5	-15,7
Subtotal	22,795	22,294	11,030	10,879	10,200	-2,2	-1,4	-6,2
Outras UF	1,952	1,767	0,957	0,902	0,832	-9,4	-5,7	-7,8
Brasil	24,747	24,061	11,986	11,781	11,031	-2,8	-1,7	-6,4

⁽¹⁾ Os dados referentes a 2015 e 2016 são preliminares.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite

Uma razão a mais para projetar que a produção destinada às indústrias inspecionadas em 2016 será sensivelmente inferior à de 2015 são os dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq/USP). Embora a produção de 2016 esteja em ascensão desde o mês de junho, os dados indicam claramente que os volumes recebidos nos meses do segundo semestre de 2016 permaneceram em patamares sempre inferiores aos dos mesmos meses de 2015. Tomando por base os que os números indicam até o mês de outubro, em 2016 o volume de leite captado nos estados da amostra será cerca de 7% inferior ao de 2015.

Índice de Captação de Leite Cepea (ICAP-L/Cepea¹) - Brasil - 2014- 16

Mês	2014	2015	2016	Variação %	
				2015/14	2016/15
Janeiro	169,99	188,34	185,67	10,8	-1,4
Fevereiro	165,31	189,51	177,17	14,6	-6,5
Março	158,95	176,97	164,15	11,3	-7,2
Abril	155,36	171,85	158,59	10,6	-7,7
Mai	155,29	172,59	156,01	11,1	-9,6
Junho	161,97	179,98	158,23	11,1	-12,1
Julho	168,12	182,98	166,19	8,8	-9,2
Agosto	177,21	191,43	176,49	8,0	-7,8
Setembro	182,88	197,68	187,50	8,1	-5,1
Outubro	182,14	195,97	187,65	7,6	-4,2
Novembro	193,85	196,78		1,5	
Dezembro	195,14	194,29		-0,4	

Fonte: CEPEA (Base 100 = junho/2004).

Parte do decréscimo da oferta interna foi compensada pelas importações, que, embora já tenham sido maiores em 2015 do que em 2014, aumentaram substancialmente em 2016, e são recordes em relação aos anos mais recentes.

Balança Comercial de lácteos - 2011/2016

Ano	Milhões de quilos		
	Importação	Exportação	Saldo
2011	165,4	37,6	-127,8
2012	179,4	38,4	-141
2013	157,3	38,4	-119
2014	106,8	83,7	-23,1
2015	134,3	73,6	-60,7
Janeiro a outubro			
2011	131,4	31,1	100,3
2012	142,0	31,7	110,3
2013	133,1	29,7	103,4
2014	86,6	68,9	17,7
2015	113,1	60,1	53,1
2016	202,6	42,0	160,6

Fonte: MDIC /Secex/Sistema Aliceweb.

Embora mais de 90% da quantidade de lácteos importada pelo Brasil de janeiro a outubro de 2016 seja proveniente do Uruguai (52%) e da Argentina (38,7%), chama atenção o crescimento havido nas importações de outras origens: Chile (774,4%), Canadá (185%), Estados Unidos (133,2%) e Nova Zelândia (106,3%). É certo que parte dessa ampliação é explicada pela elevação nos patamares dos preços internos combinada com os baixos preços internacionais.

⁽¹⁾ O ICAP-L/Cepea objetiva registrar as variações nos volumes captados nos estados da amostra: RS, SC, PR, SP, MG, GO e BA. É elaborado mensalmente, com base em amostragem, comparando-se os volumes diários captados em cada estado. Em seguida, é calculada a média nacional. A participação de cada estado varia mensalmente com base em informações do IBGE quanto ao volume produzido em cada unidade da federação no ano anterior.

Principais origens das importações brasileiras de lácteos - Jan/out 2011/2016

País	Milhões de quilos						Var. (%)
	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2015-16
Uruguai	41,0	61,0	54,4	25,9	53,6	105,3	96,4
Argentina	77,5	67,1	61,1	50,7	51,6	78,4	51,9
Chile	4,7	5,8	3,8	2,7	0,6	5,5	774,4
EUA	3,2	1,4	3,6	1,5	2,2	5,0	133,2
Nova Zelândia	0,2	0,8	1,0	1,2	1,4	2,9	106,3
França	3,2	3,3	3,0	1,5	1,6	1,8	9,8
Canadá	0,1	0,7	0,7	1,0	0,4	1,2	185,0
Outros	1,6	2,0	5,4	2,1	1,7	2,6	52,0
Total	131,4	142,0	133,1	86,6	113,1	202,6	79,1

Fonte: MDIC /Secex/Sistema Aliceweb.

Pelo lado da demanda, embora não se disponha de informações específicas e sistemáticas, é bastante razoável supor que aspectos como o aumento da taxa de desemprego, a queda do rendimento real médio dos trabalhadores, a redução da disponibilidade/encarecimento do crédito aos consumidores e a insegurança em relação ao futuro tenham repercutido diretamente para sua redução. Além desses aspectos mais gerais, essa provável redução na demanda pode ter decorrido também da grande oscilação/aumento real nos preços dos lácteos e aos produtores.

No caso dos derivados, o aumento real dos preços pode ser ilustrado com os dados dos levantamentos da Epagri/Cepa que mostram que na maioria dos meses os preços de 2016 estiveram muito acima dos patamares observados em 2015.

Preços médios mensais no mercado atacadista de Santa Catarina - 2015-2016

Mês	Leite UHT - litro			Manteiga extra - 200 g			Queijo muçarela - kg		
	2015	2016	Var. (%)	2015	2016	Var. (%)	2015	2016	Var. (%)
Janeiro	1,59	2,00	25,9	3,15	3,68	16,8	12,28	15,92	29,6
Fevereiro	1,66	2,13	27,9	3,17	3,80	20,2	11,92	15,53	30,3
Março	2,13	2,27	6,8	3,17	3,93	24,3	12,84	16,97	32,1
Abril	2,13	2,39	12,1	3,17	4,46	41,1	13,08	18,53	41,6
Maio	2,17	2,61	20,3	3,17	4,87	53,7	13,36	19,00	42,2
Junho	2,23	3,27	46,8	3,13	5,10	62,9	13,94	20,87	49,8
Julho	2,22	3,59	62,1	2,97	5,18	74,4	13,89	22,98	65,5
Agosto	2,14	3,06	43,2	2,94	5,09	73,1	14,51	22,98	58,4
Setembro	2,01	2,37	18,1	2,99	4,93	65,0	14,43	21,46	48,7
Outubro	1,95	2,06	5,2	3,32	4,94	48,8	13,40	19,86	48,2
Novembro	2,01	1,99	-1,0	3,39	5,02	48,2	13,35	17,96	34,6
Dezembro	1,96			3,40			13,34		

Fonte: Epagri/Cepa.

No caso dos preços aos produtores a situação não foi muito diferente, já que na maior parte dos meses de 2016 os preços ficaram sensivelmente acima dos de 2015. A variação foi tão significativa que compensou com sobras o decréscimo de preços observado de 2015 com 2014.

Leite - Preço médio mais comum aos produtores catarinenses, no período de pagamento - 2013-16

Mês	R\$/l posto na propriedade			Var. (%)	
	2014	2015	2016	2015/14	2016/15
Janeiro	0,85	0,75	0,91	-12,0	21,4
Fevereiro	0,83	0,73	0,95	-12,7	30,8
Março	0,85	0,76	1,02	-10,2	33,9
Abril	0,91	0,80	1,07	-12,1	34,3
Mai	0,94	0,87	1,11	-7,2	27,0
Junho	0,93	0,89	1,19	-4,3	33,0
Julho	0,93	0,91	1,29	-1,9	40,7
Agosto	0,93	0,93	1,52	-0,2	64,1
Setembro	0,90	0,92	1,41	2,9	53,0
Outubro	0,84	0,90	1,24	6,9	37,0
Novembro	0,81	0,87	1,10	8,2	25,6
Dezembro	0,77	0,89	1,08	15,9	21,6
Média anual	0,87	0,85	1,16	-2,5	35,7

Fonte: Epagri/Cepa.

Leite padrão - Preço de referência do Conseleite/SC - 2014-16

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural			Var. (%)	
	2014	2015	2016	2015/14	2016/15
Janeiro	0,7389	0,7744	0,9546	4,8	23,3
Fevereiro	0,7655	0,7866	1,0154	2,8	29,1
Março	0,8379	0,8614	1,0652	2,8	23,7
Abril	0,8764	0,8843	1,1166	0,9	26,3
Mai	0,9040	0,8875	1,1430	-1,8	28,8
Junho	0,9123	0,9347	1,3363	2,5	43,0
Julho	0,9093	0,9278	1,5500	2,0	67,1
Agosto	0,9097	0,9131	1,3248	0,4	45,1
Setembro	0,8978	0,8978	1,1051	0,0	23,1
Outubro	0,8308	0,9024	1,0461	8,6	15,9
Novembro	0,7958	0,9308	0,9993	17,0	7,4
Dezembro	0,7877	0,9387	1,0246 ⁽¹⁾	19,2	9,2
Média	0,8472	0,8866	1,1401	4,7	28,6

⁽¹⁾ Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC

Não é simples projeções para 2017, mas a se confirmarem as perspectivas de piora em alguns indicadores que influenciam diretamente na demanda interna de alimentos (particularmente o aumento da taxa de desemprego e a queda do rendimento real médio dos trabalhadores), não é improvável que haja nova redução na produção nacional. Ainda assim é muito difícil que se repitam os patamares de preços internos deste ano de 2016, o que, a depender da taxa de câmbio, pode implicar também em redução das importações e até alguma ampliação das exportações.